

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Escola de Enfermagem**

CLÁUDIA MARTINEZ BECKER

**A educação sexual e a sexualidade de adolescentes
na visão de educadores do ensino médio**

**Porto Alegre
2011**

CLAUDIA MARTINEZ BECKER

**A educação sexual e a sexualidade de adolescentes
na visão de educadores do ensino médio**

Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Enfermeiro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Anne Marie Weissheimer

Porto Alegre

2011

Dedico este trabalho a todos que, de alguma forma, ao longo dessa jornada contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras e professores do Colégio Júlio de Castilhos, colegas de profissão, que com muita disposição e carinho, participaram da pesquisa, dividindo comigo suas experiências e expectativas, contribuindo com informações valiosas. Aos meus alunos, motivo primeiro e principal de realizar esta pesquisa.

Agradeço imensamente às equipes diretivas das escolas onde trabalho e onde trabalhei, por sempre conseguirem ajustar os meus horários para que eu pudesse conciliar o trabalho como professora de biologia com meus estudos e estágios durante a graduação de enfermagem.

Aos profissionais de Enfermagem com quem trabalhei nos estágios curriculares, que me proporcionaram ricas trocas de experiência. Obrigada às equipes de profissionais do ESF Rincão e da Unidade Centro Obstétrico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, que contribuíram profundamente para a minha formação. Aprendi muito com vocês!

À minha querida orientadora, Anne Marie, exemplo de profissional competente, que com serenidade e disposição sempre esteve presente para me auxiliar, combinando uma excelente orientação acadêmica ao carinho, incentivo e amizade. Obrigada pelos ensinamentos e dedicação e por não deixar o estresse tomar conta de mim!

Agradeço à minha amiga-irmã de coração Karen Salette, por me acompanhar com sua amizade nessa vida, me ouvir e me presentear com palavras sábias em todos os momentos que precisei. Às minhas amigas e colegas do Colégio Júlio de Castilhos e da Escola Infante Dom Henrique, que com palavras estímulo, sempre levantaram meu astral, encorajando-me a prosseguir nesse árduo caminho.

Ao Alejandro Sanz, por músicas tão belas e letras tão sinceras que me inspiraram a acreditar que podemos conquistar tudo aquilo que sonhamos e que tudo é possível nessa vida. Suas canções me acompanham em todos os momentos da minha vida e estiveram presentes nos momentos mais difíceis dessa jornada.

Finalmente, agradeço às pessoas mais importantes da minha vida: ao Cristiano, meu amor, amigo e companheiro, que, mesmo distante, sempre se fez presente no meu dia a dia, alegrando-me e apoiando-me em todos os momentos. Aos meus pais Carmen e Engelberto, que sempre me incentivaram a estudar e pela confiança que sempre depositaram em mim.

“Porque tú tienes el poder, tú tienes en tus manos la fuerza del ser, tú puedes hacer todo lo que quieras, tú puedes llegar a donde sueñas.

Yo sé que tu puedes, puedes, puedes.

No lo dejes para después, tampoco lo vayas a hacer antes de tiempo. Todas las cosas tienen su momento, búscalos!

Ese momento exacto esse punto, donde convergen los sueños, donde converge lo nuestro, donde convergemos.”

Alejandro Sanz

RESUMO

Este trabalho é um estudo exploratório descritivo, com abordagem qualitativa, com o objetivo geral de conhecer a visão que os educadores de ensino médio têm sobre a educação sexual no cotidiano de sala de aula. As informações foram coletadas através de entrevistas semi-estruturadas com 13 professores de uma escola estadual de ensino médio em Porto Alegre, das três grandes áreas de conhecimento: ciências da natureza e matemática; ciências humanas e linguagens. O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS. As informações foram analisadas conforme a técnica de análise de temática proposta por Minayo (2008), através da qual se obteve três temas: 'Sou professor. E agora: como abordar a sexualidade com os adolescentes?'; 'E o que se passa pela cabeça e na vida dos meus alunos?' e 'A escola como espaço para falar, para ousar e para experimentar'. Entre os resultados, destaca-se a naturalidade com que os professores procuram tratar a temática sexualidade com seus alunos, pois apesar de não estar inserida nas disciplinas dos professores entrevistados, os mesmos procuram abordá-la quando surgem dúvidas, conforme a demanda dos alunos. Os temas mais abordados pelos educadores em sala de aula foram: gravidez, homossexualidade e DSTs. Salienta-se a importância da família na educação sexual dos adolescentes e a necessidade de sua integração no processo educativo dos alunos. Os professores enfatizaram que a escola não se encontra preparada para lidar com esse assunto. Desse modo, se faz necessária a participação dos profissionais da área da saúde, em especial da enfermagem, para atuar junto aos alunos e capacitar os educadores para trabalhar com o tema. Fica evidente a necessidade da maior inserção do enfermeiro nas escolas, interagindo com os alunos, professores e pais, desempenhando o seu papel de educador, para promover, prevenir e proteger a saúde dos adolescentes.

Descritores: Adolescente; Sexualidade; Educação Sexual; Ensino Fundamental e Médio; Enfermagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivos específicos.....	11
3 REVISÃO DE LITERATURA	12
4 MÉTODO	17
4.1 Tipo de estudo	17
4.2 Campo de estudo	17
4.3 Participantes	18
4.4 Critério de inclusão	18
4.5 Critérios de exclusão	18
4.6 Coleta de informações	18
4.7 Análise das informações	19
4.8 Aspectos éticos.....	20
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
5.1 Caracterização da amostra.....	21
5.2 Análise das informações coletadas.....	22
5.2.1 Sou professor. E agora: como abordar a sexualidade com os adolescentes?	22
5.2.1.1 <i>A visão sobre a sexualidade e a educação sexual</i>	23
5.2.1.2 <i>Métodos de abordagem e fontes para a abordagem</i>	26
5.2.2 E o que se passa pela cabeça e na vida dos meus alunos?	33
5.2.2.1 <i>Homoafetividade</i>	33
5.2.2.2 <i>Gravidez</i>	37
5.2.2.3 <i>Doenças sexualmente transmissíveis</i>	40
5.2.3 A escola como espaço para falar, para ousar e para experimentar	42
5.2.3.1 <i>O papel da escola e dos professores e sua interface com outros profissionais</i>	42
5.2.3.2 <i>A participação da família</i>	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A – Ofício de Solicitação de Campo de Pesquisa	58
APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Informações	59
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	60
ANEXO A – Carta de Autorização da Direção da Escola	61
ANEXO B – Carta de Aprovação da Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFRGS	62
ANEXO C – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS	63

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com questões relativas à sexualidade sempre foi uma constante em minha vida profissional. O interesse em estudar sobre sexualidade, prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e à gestação na adolescência surgiu no decorrer da minha experiência de onze anos como professora de biologia no ensino médio na rede pública estadual, período durante o qual tenho acompanhado de perto diversos estudantes adolescentes que convivem com alguma DST, que engravidam, que são pais precocemente ou ainda que lidam com o preconceito de colegas ao viver sua homossexualidade.

A escola situa-se na vida do jovem como uma instituição de grande significado. Além de ser uma das primeiras instituições a manter contato, é um local eminentemente coletivo que proporciona ao adolescente a experimentação da formação da sua identidade para além da família (ROCHA; FERRIANI; SOUZA, 2000).

Entendo que as questões relativas à sexualidade devem ser trazidas para a sala de aula, dado o impacto que provocam na vida dos alunos adolescentes. Essa temática deve estar presente em todos os espaços escolares, fazendo parte do cotidiano das escolas. Porém, deve-se atentar para não reduzi-la a um enfoque meramente biológico, evitando reforçar estereótipos e preconceitos e dando ao tema um tratamento plural e interdisciplinar (SANTANA; WALDHELM, 2009). Assim, precisa ser amplamente discutida e problematizada nesse ambiente, numa abordagem transversal, não somente pelos professores das ciências biológicas, mas pelo conjunto de professores e equipe pedagógica, aliados à família e aos profissionais da saúde, para enriquecer as atividades desenvolvidas em torno do tema sexualidade humana.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 prevê que na organização curricular devem ser observados os valores que fortaleçam os vínculos de família, os laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca (BRASIL, 1996). Para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN) afirmam que para a sua implementação, a prática pedagógica das escolas, as formas de convivência no ambiente escolar, a organização do currículo e das

situações de ensino-aprendizagem deverão ser coerentes com certos princípios, para:

[...] estimular a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado e a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e acolher e conviver com a diversidade, valorizar a qualidade, a delicadeza, a sutileza, as formas lúdicas e alegóricas de conhecer o mundo e fazer do lazer, da sexualidade e da imaginação um exercício de liberdade responsável (BRASIL, 2000, pág. 101).

Dessa forma, os PCN vêm com a proposta de que a orientação sexual seja discutida na escola, mas não apenas em uma disciplina específica, instituindo uma voz autorizada, mas como um tema transversal, que perpassa todas as áreas do saber, sendo discutida dessa forma nas diversas disciplinas (BRASIL, 1997).

O que se vê muitas vezes, no entanto, são professores despreparados ou com dificuldades para atuar nesse contexto, acabando por transmitir seus próprios conceitos e preconceitos aos alunos (TIBA, 1994). É possível também que alguns ou muitos profissionais da área de saúde também não se sintam confiantes em abordar o tema sexualidade, dificultando a educação sexual dos jovens (RAMIN; SOLER, 2002).

Falar sobre sexualidade pode ser um tabu que muitas pessoas ainda enfrentam, mas que deve ser tratado com naturalidade. Jesus (2000), considera que as distorções e dificuldades para tratar assuntos pertinentes à área sexual podem estar ligadas à enorme carga afetiva que a sexualidade tem para as pessoas, à falta de conhecimentos, ou até mesmo às atitudes negativas que acompanham tradicionalmente o tema.

Muitas vezes as angústias e tabus acerca da sexualidade baseiam-se no desconhecimento da anatomia e da fisiologia do próprio corpo. Assim, torna-se importante criar condições para que os professores e outros profissionais da educação e da saúde que trabalham com os adolescentes nas escolas, possam conversar com os alunos, levando-os a exprimir suas crenças e mitos em relação ao corpo e à sexualidade (SANTANA; WALDHELM, 2009).

A enfermagem tem papel primordial na educação, pois, ao abordar questões como sexualidade, autocuidado, prevenção de patologias e gestações não planejadas e/ou não desejadas e suas conseqüências, estimula a população à reflexão, ao autoconhecimento e à mudança para hábitos de vida saudáveis,

promovendo sua saúde. Nesse contexto, não há como dissociar a educação para o autocuidado do cuidado a ser prestado pelo profissional.

Um aliado no trabalho dos profissionais da saúde, especialmente do enfermeiro é o Programa Saúde na Escola (PSE). O PSE foi criado pelo governo federal através do Decreto 6.286 de 5 de dezembro de 2007 (BRASIL, 2007) e lançado em setembro 2008, numa parceria entre os Ministérios da Saúde e da Educação (BRASIL, 2008), objetivando articular as ações da rede pública de saúde com as ações da rede pública de educação, fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades no campo da saúde, promover a comunicação entre as escolas e unidades de saúde. Tem a finalidade de contribuir na formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. As ações de saúde incluem: avaliações nutricionais, oftalmológica, auditiva, da saúde e higiene; promoção da alimentação saudável, avaliação psicossocial, atualização do calendário vacinal, redução da morbimortalidade por acidentes e violências, prevenção do uso de drogas, controle do tabagismo, promoção da saúde sexual e reprodutiva, atividade física e saúde, promoção da cultura da prevenção no âmbito escolar, inclusão da temática de educação em saúde no projeto político pedagógico das escolas (BRASIL, 2007).

Em face ao exposto, surgem os seguintes questionamentos: os temas relativos à sexualidade, gravidez na adolescência e DSTs são realmente abordados pelos educadores em sala de aula? De que maneira esses temas são abordados? Existe alguma dificuldade para esta abordagem? Qual(is)?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Esse trabalho teve como objetivo geral conhecer a visão que os educadores de ensino médio têm sobre educação sexual no cotidiano de sala de aula.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos foram:

- a) identificar se os temas relacionados à educação sexual são abordados em sala de aula por professores que não são da área da biologia;
- b) verificar se encontram dificuldades para esta abordagem e quais são;
- c) descrever como abordam temas como sexualidade, DSTs e gestação na adolescência.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O termo sexualidade, criado no século XIX, representa, para Heilborn (1999), um conjunto de valores e práticas corporais culturalmente legitimados na história da humanidade. Mais do que a atividade sexual em sua dimensão biológica, ele diz respeito a uma dimensão íntima relacional, que compõe a subjetividade das pessoas e suas relações corporais com seus pares e com o mundo. Abarca aspectos físicos, psíquicos, emocionais e sócio-culturais.

A educação sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. É um processo não intencional, que abrange toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu dia a dia. Surge na família e em outros grupos onde o ser humano convive (OLIVEIRA; MORGADO, 2008)

Já a orientação sexual é um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, que promove o espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas, valores, atitudes, informações, posturas, contribuindo para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa (OLIVEIRA; MORGADO, 2008).

Definida como o período etário compreendido entre dez e 19 anos completos, a adolescência é a etapa do desenvolvimento que marca a passagem da infância à vida adulta, proporcionando intensas descobertas às pessoas (VIEIRA *et al.*, 2006).

Para Mandú (2000, p. 61), o *adolescens* pode ser entendido como:

[...] momento do processo de crescimento e desenvolvimento humano, em que se observam rápidas e substanciais mudanças na vida e nos corpos infantis, abrangendo acentuado crescimento pondero-estatural e o surgimento de novas formas físicas e estéticas; transformações no funcionamento orgânico - sobretudo no sexual e reprodutivo; construção de novas relações inter-subjetivas; manifestações peculiares de novos sentimentos, modos de pensar e se comportar, refletindo novas identidades e inserções no mundo interno e externo à família.

Essa etapa é marcada por especificidades comportamentais e emocionais que se refletem na saúde sexual dos adolescentes, tornando-os mais vulneráveis a riscos do que a muitos adultos com vida sexual ativa (VIEIRA *et al.*, 2006).

Os adolescentes parecem começar a vida sexual justamente quando imaginam que seus pares também já tenham uma vida sexual ativa (BORGES, 2007).

Segundo Taquette (2008), o comportamento sexual de um indivíduo depende de fatores como o contexto familiar e social em que vive. Na atualidade, a atividade sexual na adolescência é vista como um fato natural, sendo amplamente divulgado pela mídia e aceito pela sociedade; porém, muitas vezes é exercida irresponsavelmente e sem tomar as medidas de precaução necessárias, expondo a adolescente ao risco de contrair alguma DST ou à gestação não planejada.

Nas quatro últimas décadas, assistiu-se a um decréscimo acentuado na taxa de fecundidade das mulheres brasileiras. Em contrapartida, entre adolescentes e jovens, o sentido foi inverso (BRASIL, 2006a). Identificou-se o aumento em 25% da taxa de fecundidade entre meninas de 15 a 19 anos, durante os anos 90, assim como associação entre gravidez na adolescência e evasão escolar (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004; BRASIL, 2006b). De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e o Ministério da Saúde, a gravidez precoce é a principal causa de evasão escolar do sexo feminino entre meninas de 15 e 17 anos no Brasil (GRAVIDEZ..., 2008). Por outro lado, há evidências de que jovens que evadem a escola possuem mais chances de tornarem-se gestantes adolescentes, sugerindo que talvez a evasão preceda a gestação. (SABROZA, et al., 2004)

Um estudo transversal mais recente, realizado no ano de 2002 nas cidades de Salvador, Porto Alegre e Rio de Janeiro mostra que a proporção de mães adolescentes correspondeu a 29,5% (ALMEIDA *et al.*, 2006). Posteriormente, em 2004, pesquisas revelam que esse número caiu para 21% (DATASUS, 2008).

Segundo artigo 'Gravidez na adolescência reduz na Capital' (2008), publicado no Diário Oficial de Porto Alegre, o índice de mães adolescentes na capital caiu 3,1 pontos percentuais nos últimos sete anos na cidade. Em 2007, o percentual de mães menores de 20 anos foi de 16%, enquanto no ano de 2000, foi de 19,1%.

Se por um lado, os números relativos à gestação na adolescência são animadores, por outro, um estudo realizado por Rama (2008), que analisou 2.300 mulheres entre 15 e 65 anos, constatou que a maior prevalência de infecção do trato genital causada por papiloma vírus humano (HPV) de alto risco foi em mulheres com menos de 25 anos.

Quanto ao vírus da imunodeficiência humana (HIV), pesquisas mostram que embora a taxa de prevalência do vírus na faixa etária entre 15 e 49 anos tenha se mantido estável desde 2004 e o número de novas infecções tenha diminuído 16%

entre 2001 e 2008 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2010); em jovens, entre 17 e 20 anos, ocorreu um ligeiro aumento (REZENDE *et al.*, 2010).

Outra questão relevante é a proporção de meninas infectadas pelo HIV em relação a de meninos. A razão do sexo (masculino/feminino) diminuiu consideravelmente do início da epidemia para os dias atuais, passando de 15,1 homens para cada mulher infectada, em 1986, para 1,5 homens para cada mulher infectada em 2002, estabilizando-se nessa marca. Porém, na faixa etária de 13 a 19 anos, o número de casos de AIDS é maior entre as meninas e uma inversão é observada desde 1998, numa proporção de 0,8 meninos para cada menina infectada (REZENDE *et al.*, 2010).

Segundo dados do Boletim Epidemiológico AIDS/DST divulgados recentemente pelo Ministério da Saúde, houve um aumento na taxa de incidência do vírus HIV entre jovens brasileiros do sexo masculino na faixa etária de 15 a 24 anos, passando de 9,5% no ano 2000 para 11,1% em 2010, um acréscimo de 16,8%. Nas mulheres dessa faixa etária, assistiu-se à redução de 23,5%, de 10,2% no ano 2000, para 7,8% em 2010. O Ministério da Saúde alerta para o aumento de 10,1% no número de casos em homossexuais masculinos da faixa etária citada anteriormente (AIDS..., 2011, p. 23).

Quanto às atividades de prevenção, os resultados do Levantamento das Ações em promoção à Saúde e Educação Preventiva do Censo Escolar em 2007 mostram que 63% dos estabelecimentos brasileiros de ensino básico trabalhavam com o tema DST. Considerando-se somente os estabelecimentos de ensino fundamental, a proporção passou de 67,8% em 2005 para 72,7% em 2007. Já entre as escolas de ensino médio, essa proporção passou de 96,2% em 2005 para 97,5% em 2007. Observou-se também tendência de aumento na proporção de estabelecimentos que relataram a distribuição de preservativos dentre as atividades relacionadas à DST e AIDS desenvolvidas na escola; enquanto em 2005 essa proporção foi de 5,7%, em 2007 aumentou para 7,9% (REZENDE *et al.*, 2010).

Ao abordarmos sexualidade, adolescência e escola, outra questão a ser considerada é discriminação da população homossexual. Pesquisa realizada no Brasil pela UNESCO revelou a presença de atitudes e valores homofóbicos no ambiente escolar, identificando que cerca de 25% dos alunos não gostaria de ter em classe um colega homossexual (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004). Uma pesquisa realizada com professores brasileiros, intitulada “Perfil dos Professores

Brasileiros: o que fazem, pensam, o que almejam” (UNESCO, 2004), revelou que 59,7% dos professores participantes declararam ser inadmissível que uma pessoa tenha experiências homossexuais.

Nesse contexto, torna-se necessária a superação dos processos de intolerância com a diversidade de orientações sexuais, que em algumas realidades, tornam-se tão cruéis que acabam impondo sofrimento e exclusão à vida dos jovens homossexuais (BRASIL, 2006b).

A construção de espaços de diálogo entre adolescentes, professores, profissionais de saúde e comunidade é, sem dúvida, um importante caminho para construir resposta social que resulte na superação das relações de vulnerabilidade às DSTs, à infecção pelo HIV, assim como à gestação não planejada. As ações desenvolvidas devem ir além das dimensões cognitivas, “levando em conta aspectos subjetivos, questões relativas às identidades e às práticas afetivas e sexuais no contexto das relações humanas, da cultura e dos direitos humanos” (BRASIL, 2006b, p. 15).

Em experiência de trabalho com adolescentes, constatou-se a importância e o valor atribuídos à escola por parte dos adolescentes, da família e da comunidade. É na escola que o adolescente identifica-se com seu grupo, formula seus primeiros projetos para o futuro e desenvolve seus próprios interesses. É nessa fase que o indivíduo adquire consciência da sociedade da qual participa e percebe os condicionamentos e as diferenças sociais existentes, formando opinião e formulando alternativas de mudança (ROCHA; FERRIANI; SOUZA, 2000).

Assim, Mandú (2000, p. 61) reforça a relevância da educação sexual para os adolescentes, que, para o autor,

[...] a educação sexual deve ser antecipada e formal, tendo como objetivo preparar o jovem para as mudanças que vão ocorrer do ponto de vista físico, fisiológico, emocional e social. O trabalho educativo em sexualidade para adolescentes não deve se constituir em transmissão de crenças, valores e preconceitos sexuais ou em imposição de “verdades”. Ao contrário, deve favorecer trocas de dogmatismo, de forma que os adolescentes possam expressar, refletir, discutir, questionar e optar livre e responsabilmente acerca de suas condutas no campo da afetividade e, especificamente, de sua vida sexual.

No sentido de valorizar a atenção primária ao adolescente, devem ser criadas políticas de educação sexual contínuas, integrais e abrangentes que incluam outros

grupos/fases da vida, numa abordagem interdisciplinar que trabalhe além do jovem, a família e os profissionais que os cercam, a fim de assistir com eficácia a saúde reprodutiva e sexual. Contudo, não basta apenas informar, é necessário conhecer o contexto e a perspectiva do público que se pretende educar, além de considerar as experiências e vivências previamente alcançadas por estes (ROCHA; FERRIANI; SOUZA, 2000).

Embora haja um consenso entre os estudiosos sobre a necessidade de se promover transversalmente a discussão de temas relativos à sexualidade, na prática, os educadores ainda aparentam possuir dificuldades em abordá-los com os jovens. Percebe-se que os diferentes saberes não tratam os temas transversais de forma integrativa. Isso pode ser constatado pelo fato de se acreditar que o professor de biologia é o profissional que, dentro da escola, reúne mais condições para atender a demanda dos jovens com questionamentos sobre sexualidade (ALENCAR, 2008). Se o professor tem a disponibilidade pessoal para se responsabilizar pelo trabalho, relaciona-se bem com a turma de alunos e tem jogo de cintura, sua área de conhecimento não é o ponto mais importante (SAYÃO, 1997).

É comum os professores admitirem a dificuldade em trabalhar sobre sexualidade e afetividade em sala de aula. As dúvidas dos alunos podem ir além da informação, passando por experiências da vida pessoal, íntima, dos professores, deixando-os constrangidos a se posicionarem. Entretanto, há professores que ressaltam que as dificuldades de trabalhar sobre sexualidade não são empecilho, ao contrário, para que abordem o tema em sala de aula (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Dentre as atividades que podem ser desenvolvidas em aula pelos educadores, Alencar (2008) sugere: oficinas diversas, dramatização, dinâmicas grupais, aulas práticas experimentais em laboratório, aula expositiva dialogada com verbalização de experiências e esclarecimento de dúvidas, confecção de material educativo pelos alunos, palestras; utilizando como recursos: filmes, músicas, modelos anatômicos, materiais diversos como sucata e massa de modelar, espécimes causadores de DSTs e microscópios para observá-los.

4 MÉTODO

4.1 Tipo de estudo

Realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa exploratória descritiva. Uma pesquisa qualitativa é aquela que baseia-se em explicar os múltiplos significados das experiências individuais, social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão (CRESWELL, 2007). Uma pesquisa exploratória tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema da pesquisa, a fim de torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. A pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição de uma população (GIL, 2008).

4.2 Campo de estudo

A investigação foi realizada em uma escola pública estadual de ensino médio do município de Porto Alegre: o Colégio Julio de Castilhos. A escola localiza-se na região central de Porto Alegre e caracteriza-se pela diversidade. O corpo docente conta com cento e cinquenta professores. Atende aproximadamente 2.350 alunos, provenientes de praticamente todas as regiões de Porto Alegre e cidades vizinhas. Compõem a escola 69 turmas, distribuídas nos turnos da manhã, tarde e noite. Os alunos da manhã e da tarde são em sua maioria adolescentes entre 14 e 18 anos. Os alunos do noturno caracterizam-se por serem mais velhos e trabalhar durante o dia. A primeira série é a que conta com maior número de turmas (36) e de alunos, e a que mais apresenta dificuldades e vulnerabilidade sócio-econômica. A reprovação nessa série atinge altos índices.

4.3 Participantes

Participaram da pesquisa os educadores do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Foram convidados professores de diferentes áreas de conhecimento para responder a uma entrevista semi-estruturada de forma a obter informações que respondessem aos objetivos do estudo. Assim, sendo as áreas curriculares: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias (disciplinas de química, física, biologia e matemática); ciências humanas e suas tecnologias (disciplinas de geografia, história, sociologia, e estudos contemporâneos); linguagens, códigos e suas tecnologias (disciplinas de português, literatura brasileira, língua estrangeira, educação física e artes); a amostra foi composta por 13 professores e será caracterizada na seção que apresenta os 'Resultados e discussão'.

4.4 Critério de inclusão

O critério de inclusão foi o professor ser efetivo da escola há pelo menos um ano.

4.5 Critérios de exclusão

Foram excluídos os professores que não lecionam no primeiro ano do ensino médio, assim como os professores que lecionam apenas no turno da noite.

4.6 Coleta de informações

Antes de iniciar a coleta de informações, foi encaminhado um ofício à Direção da Escola a fim de apresentar a pesquisa, seus objetivos e pesquisadores

envolvidos (APÊNDICE A). Assim, somente após a anuência da Direção para a abordagem do corpo docente (ANEXO A), é que a pesquisa foi iniciada.

Após a seleção da área de atuação dos docentes, os mesmos foram convidados de forma aleatória a colaborar com a pesquisa. Todos os convidados aceitaram em participar. As entrevistas aconteceram em sala que permitisse a privacidade, para garantir espontaneidade nas respostas, e tiveram duração média de 15 minutos. Ao realizar as transcrições das mesmas, foram tomadas medidas para garantir o anonimato dos participantes.

As informações foram obtidas através de entrevista semi-estruturada, conforme Triviños (1987), que permitiu aos informantes responder aos objetivos do estudo. Também foram captados dados de caracterização funcional, conforme os critérios de inclusão e exclusão.

O instrumento de coleta de informações encontra-se no APÊNDICE B deste relatório de pesquisa.

As entrevistas foram gravadas por meio digital e posteriormente transcritas para análise.

4.7 Análise das informações

Foram procedidas conforme a análise temática sugerida por Minayo (2008, p. 316), que diz que o método “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou freqüência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”.

É composta por três etapas (MINAYO, 2008):

- a) A pré-análise, que se baseia na escolha do material e dos documentos que serão analisados e na retomada dos objetivos e hipóteses propostas pela pesquisa.
- b) A exploração do material, que consiste numa operação classificatória, visando o núcleo de compreensão do texto.
- c) O tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. As inferências e interpretações são inter-relacionadas com o quadro teórico inicial ou abrem-se novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material.

4.8 Aspectos éticos

O projeto do presente trabalho foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (ANEXO B) e posteriormente encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS sob o número 19.966 e aprovado em 24 de março de 2011 (ANEXO C).

Todos os participantes da pesquisa que concordaram em participar do estudo preencheram e assinaram, em duas vias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se encontra no APÊNDICE C. Uma das vias do documento ficou com o participante e a outra com a pesquisadora.

As entrevistas e suas transcrições serão mantidas em poder da pesquisadora e destruídas após cinco anos da coleta.

Previa-se, como risco da pesquisa, além do tempo despendido para a entrevista, a mobilização de sentimentos que causassem desconforto aos participantes, uma vez que o tema é considerado, por alguns, um tabu. Não acreditávamos que houvesse outros riscos, uma vez que a pesquisadora é colega dos participantes, sem exercer qualquer cargo de chefia na instituição. Esclarece-se que houve uma conversa prévia com a direção da escola, que incentivou a pesquisa. Não houve qualquer tipo de ocorrência nesse sentido, nem queixas dos participantes com a duração ou tema da entrevista. Como benefício, acreditamos que o esclarecimento das possíveis dificuldades que os educadores encontram para tratar do tema sirva de base e favoreça a aproximação do trabalho do profissional enfermeiro junto à equipe escolar. Além disso, ao conhecer a visão que os educadores têm sobre a educação sexual no ensino médio, poderemos levar aos adolescentes maior conhecimento sobre seus corpos e sua sexualidade.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Caracterização da amostra

A amostra constituiu-se de 13 professores, sendo eles dez mulheres e três homens. Para melhor apresentar as características da amostra, quanto à idade, tempo de formação, de profissão, de atuação na Escola e carga horária, foi elaborado o Quadro 1.

	MÉDIA	VARIAÇÃO
Idade	48,15 anos	34 a 61 anos
Tempo de formação	20,69 anos	07 a 38 anos
Tempo de profissão	17,38 anos	01 a 39 anos
Tempo atuação escola	9,69 anos	01 a 20 anos
Carga horária semanal	27,07 horas	20 a 40 horas

Quadro 1 – Caracterização da amostra. “A educação sexual e a sexualidade de adolescentes na visão de educadores do ensino médio”. Porto Alegre, 2011.

A média de idade dos participantes foi de 48,15 anos e variou entre 34 e 61 anos. Em média, os professores estão formados na graduação há 20,69 anos e a maioria possui pós-graduação. O tempo médio de exercício da profissão foi de 17,38 anos e variou entre um e 39 anos. Os professores entrevistados trabalham na escola em média há 9,69 anos, variando entre um e 20 anos. A carga horária semanal de trabalho exercida por esses profissionais é entre 20 e 40 horas. Todos lecionavam na 1ª série. Alguns também lecionavam em outras séries e escolas. A maioria dos educadores trabalhava no turno da manhã.

Para a identificação dos participantes, procurou-se nominá-los de acordo com suas áreas de conhecimento. Assim, cada professor entrevistado recebeu um código, composto por uma letra e um número. A letra refere-se à inicial da área de conhecimento: N para ciências da natureza e matemática; H para ciências humanas e L para linguagens. O número refere-se à ordem da entrevista. No Quadro 2, apresentado a seguir, pode-se conhecer a amostra melhor em relação à área de atuação, nível de instrução, séries que lecionam e turno(s) de trabalho.

SEXO	IDADE*	INSTRUÇÃO	FORMAÇÃO*	PROFISÃO*	ESCOLA*	C. H.#	TURNO	SÉRIES
F	48	M	23	19	16	40	M / T	1ª e 3ª
F	35	M	12	11	09	35	M / T	1ª e 2ª
M	48	D	23	01	01	37	M / T	1ª e 2ª
F	60	E	38	39	01	20	T	1ª
F	45	E	23	21	10	20	M	1ª
M	48	G	07	05	03	20	T	1ª e 2ª
F	53	E	25	24	19	20	T	1ª e 3ª
M	53	E	13	13	12	40	M / N	1ª e 2ª
F	61	G	27	15	10	20	M	1ª
F	39	E	16	13	07	20	M / T	1ª, 2ª, 3ª
F	49	M	24	24	20	20	M / T	1ª
F	53	E	27	26	11	40	M / T	1ª, 2ª, 3ª
F	34	E	11	15	07	20	M / N	1ª, 2ª, 3ª

SEXO: F-feminino, M-masculino; * valores expressos em anos; INSTRUÇÃO: G-graduação, E-especialização, M-mestrado, D-doutorado; # carga horária semanal, expressa em número de horas; TURNO: M-manhã, T-tarde, N-noite.

Quadro 2 – Caracterização da amostra quanto ao sexo, idade, nível de instrução, tempo de formação, tempo de profissão, tempo de atuação na escola, carga horária semanal, turno de trabalho e séries nas quais atua. “A educação sexual e a sexualidade de adolescentes na visão de educadores do ensino médio”. Porto Alegre, 2011.

5.2 Análise das informações coletadas

A partir da leitura exaustiva das entrevistas e da análise criteriosa das informações coletadas, os resultados foram agrupados em três temas: (1) “*Sou professor. E agora: como abordar a sexualidade com os adolescentes?*”; (2) “*E o que se passa pela cabeça e na vida dos meus alunos?*”; e (3) “*A escola como espaço para falar, para ousar e para experimentar*”. Esses temas, com seus respectivos subtemas, serão apresentados nesta seção.

5.2.1 Sou professor. E agora: como abordar a sexualidade com os adolescentes?

Ao iniciarem a exercer suas atividades de professor de ensino médio, os profissionais começam a lidar com adolescentes de diferentes idades, curiosidades e dúvidas diversas. O sexo é uma delas. O significado da sexualidade para cada um dos indivíduos é diferente, modificando, assim, a maneira de abordá-la. Dessa forma, este tema se abre em dois subtemas a serem percorridos a seguir.

5.2.1.1 A visão sobre a sexualidade e a educação sexual

Se por muitos, e ao longo dos anos, a educação sexual e a sexualidade são vistas como tabu, para outros nem tanto. Para Borba (2004, pg. 1331), tabu é definido como:

“proibição convencional imposta por tradição ou costume; aquilo que é objeto dessa proibição; aquilo que a sociedade considera como tradição intocável ou imutável; crença”.

Os educadores das ciências da natureza afirmam tratar o tema com bastante naturalidade e tranqüilidade:

[deve ser tratado] da maneira mais natural possível, por que hoje em dia a sexualidade é uma coisa que faz parte do cotidiano dos alunos. [...] tornar exatamente tudo natural, não tornar o sexo, a sexualidade uma coisa feia, um tabu, então se a gente tiver que falar [...] fica na verdade uma coisa natural, onde ninguém fica com vergonha, tudo é permitido, então quando vem uma pergunta, uma brincadeira, e o professor age de uma maneira natural, eles começam a encarar aquilo que não é feio. (N1)

Eu trato o assunto como se fosse qualquer outro assunto, então não tem aqueles tabus [...] não tenho problema em abordar, não fico constrangida. (N2)

Uso de toda tranqüilidade, como se fosse trabalhar com uma equação matemática, porque toda a sexualidade não pode ser tratada como uma coisa horrível, como uma coisa que assusta. É uma coisa tão viva, tão presente na gente, que ela tem que ser tratada com toda a naturalidade. (N4)

Da mesma forma que os professores da área das ciências da natureza, os da área de linguagens têm visões semelhantes, como se vê a seguir:

Olha, eu encaro sempre naturalmente [...] abordo com naturalidade todos os aspectos. (L1)

De forma bem tranqüila, tem que ser tratada de forma natural. [...] é um tema normal, deve ser tratado com normalidade. (L2)

Ele pode ser abordado sempre de uma maneira natural. (L3)

Sem... [gagueja um pouco] o menos tabu possível, com muita simplicidade. (L5)

Se para a maioria dos educadores o tema sexualidade é tratado com naturalidade, vemos que o discurso de alguns traz o assunto como sendo um tabu e

que, por isso, deve ser tratado com cuidado, como diz um professor da área das ciências humanas:

[...] porque é um tema delicado, tem que ter cuidado para se tratar, quando tratar e com quem tratar... é muito complicado, não é um tema muito simples, assim, de ser tratado, até porque é um tema tabu. (H4)

Conforme é reforçado nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – (BRASIL, 1997b) é importante que o professor aborde as questões dentro do interesse e das possibilidades próprias da idade dos seus alunos, respeitando medos e angústias típicas daquele momento. Assim, conforme expresso pelos participantes da pesquisa:

A gente tem que saber como falar, em que momento e quais as palavras que a gente vai usar, de acordo com a faixa etária. (L2)

De forma bem didática, né, eu acho que tu tens que abordar... tu tens que respeitar a idade do aluno, respeitar a... o imaginário dele, respeitar a compreensão dele, então tu precisas, antes, conhecer com quem... isso não só esse tema, qualquer um, né? Tu precisa conhecer, saber com quem tu estás lidando, qual é a estrutura daquela pessoa que está ali. Pra ti saber, pra ti comunicar da maneira mais eficiente, né, onde ele aproveite melhor a discussão, o resultado. (H2)

Por outro lado, verifica-se que alguns professores procuram abordar o tema com bastante formalidade e seriedade:

Procuo nunca levar para o lado malicioso [...] procuro encarar com bastante seriedade. (L1)

Eu acho que é uma coisa que tem que ser abordada de uma maneira formal. (L3)

Usualmente, professores das ciências da natureza sentem mais facilidade em abordar temas referentes à sexualidade, já que o mesmo faz parte do currículo disciplinar, associando-os aos assuntos referentes aos sistemas reprodutores (LIRA; JOFILI, 2010). É o que constatamos no relato de uma professora dessa área:

Pra nós, que somos das ciências da natureza, é um tema mais tranquilo de ser tratado, porque faz parte do currículo, né, então fica

mais fácil de tratar, eles têm mais abertura pra fazer questões, perguntas [...], falar do sistema reprodutor, em falar do que pode... as doenças que podem aparecer [...] então fica mais tranquilo de falar. (N2)

Um professor da mesma área, por sentir-se desvinculado com o tema, refere abordá-lo informalmente, como se verifica em seu relato:

Como estou desvinculado desse tema, então eu não posso me deter muito, me aprofundar muito nesse tema, fica muito no âmbito da informalidade, da informação. (N3)

A seguinte fala, de um professor da área das ciências da natureza, deixa claro que, mesmo que sexualidade não pertença à sua disciplina, mas sim à de biologia, conversa com os alunos sobre o assunto:

Embora não seja a minha disciplina, eu sempre abro um parêntese na aula, por que eu digo assim, que, eu acho que a vida não é só a minha disciplina, a vida é tudo, e se eles têm uma dúvida numa área da biologia e eu tenho condições de pelo menos dar uma idéia para eles do que é certo e do que é errado, eu não vou me omitir, eu não vou falar: “fala com o professor de biologia”. (N1)

Rocha e Mota (2008) afirmam que já está demonstrada a ineficácia das formas tradicionais, organicistas e biologizantes de tratar as questões que dizem respeito à sexualidade humana e, que hoje, as demandas são outras. As dimensões psíquicas e socioculturais também devem ser consideradas no trabalho pedagógico sobre sexualidade (BRASIL, 1997a).

Um professor das ciências da natureza corrobora as afirmações anteriores:

Eu acredito que tem que ser tratado como um todo, né, desde as questões de gênero, desde a parte psicológica que envolve toda a questão da sexualidade, até a parte orgânica propriamente dita, né? (N3)

Ao serem questionados se encontram dificuldade para abordar algum tema relacionado à sexualidade em sala de aula, a maioria dos professores relata não sentir maiores dificuldades. Uma professora, da área das linguagens, refere dificuldade em abordar tópicos relacionados à homossexualidade:

Mais em relação à homossexualidade, assim, porque eu tenho muito medo de magoar os alunos, dizendo alguma coisa assim que, que eles possam interpretar mal... eu ainda tenho esse receio assim de magoar eles, assim, de falar alguma coisa que de repente eles não sintam à vontade em ouvir, que fiquem magoados. Isso eu tenho ainda um pouco de receio. (L5)

Uma professora da área das ciências da natureza relata não ter dificuldade em tratar o tema, porém sente que a imaturidade dos alunos, suas brincadeiras e a falta de respeito com as dúvidas dos colegas dificultam a abordagem:

A maior dificuldade em sala de aula é a imaturidade: as brincadeiras, [risos], a falta... assim, um não quer respeitar a dúvida do outro, acho que a pior... a maior dificuldade é essa. Fora isso, é tranquilo. Tu pega uma turma mais madura, a aula é uma maravilha, mas se tu pega uns que querem só brincadeira, que eles querem rir, rir do outro, daí é mais difícil. (N2)

Outra educadora, da área das ciências humanas, vê que a dificuldade está nos alunos, por muitas vezes não tolerar ou aceitar o diferente, dificultando também o trabalho do professor:

Eu vejo muita dificuldade às vezes neles, uma... eles impõem uma barreira, já vem com pré-conceitos, com coisas construídas, assim, que é difícil tu desconstruir, tentar mudar aquela maneira deles pensarem. (H1)

Constata-se que a maioria dos educadores trata de forma natural e não veem problemas em abordar temas referentes à sexualidade com seus alunos e, apesar de alguns tratarem com maior distanciamento e formalidade, todos acham importante que o tema seja abordado em sala de aula. Além disso, os professores têm uma visão de que os temas referentes à sexualidade devam ser tratados o mais amplamente possível. Acredita-se, então, que devem ser tratadas também as questões relativas ao gênero, à afetividade, ao respeito às diversidades e ao autocuidado.

5.2.1.2 Métodos de abordagem e fontes para a abordagem

O educador, para abordar sexualidade em sala de aula, deve estar munido de informações e conhecimento referentes aos diversos aspectos relativos ao tema.

Para tanto, necessitam estar em constante atualização, além de ter abertura e receptividade aos questionamentos dos alunos.

Ao serem questionados sobre onde buscam as informações para tratar sobre sexualidade em sala de aula, os entrevistados referem buscar as informações nas mais diversas fontes, sendo a internet e os livros duas das fontes de informação mais citadas pelos professores:

No computador, tu tens acesso a vários sites bons. (N1)

[...] mais em livros, internet mesmo, lendo e conversando com eles [alunos] mesmo, porque daí vai surgindo as dúvidas e a gente vai em busca daquilo que eles têm dúvida. (N2)

O meu grande acervo, assim, é a internet, sempre, tudo o que eu busco normalmente tem... é na internet, né, seja youtube, quando for vídeo, seja outras literaturas. (N3)

Textos, livros didáticos, internet, revista, livro específico, assim, pra minha disciplina, o meu enfoque não tem, eu vou atrás de reportagens, eu faço a seleção. (H1)

Na internet, em livros, [...] são muito abundantes as informações, é... eu te diria assim, que eu nunca fui num posto de saúde buscar um folder, sabe, porque eu tinha acesso a livros bem melhores que os folders, né, mas assim, ó, eu acho que a internet é um prato cheio pra ti pesquisar, né; alguns sites bem seguros, claro, óbvio. (N4)

Alguns buscam informações com profissionais da área da saúde:

Muita informação eu obtive com meu marido, que era médico. (N4)

Com a minha ginecologista [...]. (L5)

Trocar ideias com colegas de profissão também é fonte de informações:

[...] a gente vai trocando idéias com os colegas também e a gente vai então, formando as nossas próprias opiniões. (N1)

[...] até conversando com os colegas, né, a respeito de informações novas, [...]. (N2)

Uma educadora da área das linguagens tem a visão de que, em primeiro lugar, quem deve tratar temas referentes à sexualidade são os professores das

ciências e biologia, junto com o Serviço de Orientação Educacional (SOE); porém, quando surge algum tema, o mesmo não deve ser deixado sem resposta. Se não sabe ou não consegue resolver, procura encaminhar para aqueles que podem ajudar:

Em primeiro lugar, eu acho que os professores da área das ciências, biologia, mas também [...] [a educação sexual] tem que ser trabalhada pelo SOE, que muitas vezes faz esse intercâmbio, toda vez que surgir um problema dentro da sala de aula, no corredor [...] Eu digo que se ele [aluno] tem problemas mais sérios e quer conversar com alguém... ou então digo assim, pega e fala com o professor de biologia, com o SOE também, uma pessoa que pode te dar mais informações [...] procura, têm pessoas aqui que podem te ajudar. (L4)

Eu paro a minha aula pra atender eles e pra trabalhar sobre isso [...], (L4)

Os orientadores educacionais e os coordenadores pedagógicos são profissionais importantes no processo ensino-aprendizagem que se efetua nas escolas, e, através dos problemas levantados, propõem soluções possíveis, adequando a abordagem do tema de acordo com a realidade da escola.

Uma professora revela obter informações sobre sexualidade através de meios de comunicação televisivos:

Eu gosto muito de canais da Home & Health, os canais de documentários, tu acabas te atualizando sobre questões de saúde e até vendo a realidade que nós temos, comparando com as informações que tem nos jornais, revistas. (L4)

[...] E na mídia, [...] na TV, às vezes tem umas palestras com pessoas muito interessantes. (N1)

Alguns entrevistados também dizem que a experiência de vida também os auxilia a tratar questões sobre sexualidade com os alunos:

[...] o conhecimento da vida mesmo, muitas coisas, experiências da própria vida da gente, porque, afinal, [...] um dia eu já tive 15 anos, eu digo pra eles, então assim, a gente se lembra de toda a transformação hormonal que a gente teve, de todas as problemáticas, então eu uso muito isso, a experiência minha, como um dia, adolescente e a experiência de mãe com um adolescente pra

mostrar pra eles o que é a vida deles hoje, e como, eles não se cuidarem, pode ser no futuro, né. (N1)

[...] então assim, até a troca de experiências, do que a gente vivenciou há 30, 35 anos atrás. (L4)

Cada professor trabalha com a sexualidade de maneira diferenciada. Cavalcanti (1993), afirma que o professor poderá adotar duas posturas. Uma refere-se ao coletivo, quando ele promove uma discussão, como confirmado por um depoimento:

[...] Aí, botei eles pra dentro da sala e disse: “hoje nós vamos conversar sobre um assunto que não tem nada a ver com a aula. A gente vai conversar sobre essa história de gravidez na adolescência” (L3).

Outra postura é quando ele procura ou é procurado particularmente por um aluno, devido a um problema específico (CAVALCANTI, 1993). Uma professora nos relata sobre a postura que tomou com um aluno cujo corpo exalava mau cheiro:

[...] Aí esses dias eu peguei, ele ficou por último na sala de aula e falei com ele, [...] eu disse: “mas talvez tu não note, tu tá na idade de ter mais hormônios, talvez tu não note o cheiro [...]”. [...] então é uma coisa que tu tem que cuidar pra não chegar diretamente... daqui a pouco um aluno não vem mais para as aulas por causa disso. (L4)

As estratégias de intervenção utilizadas pelos professores consultados são variadas. Cada um deles apresenta uma forma própria trabalhar tal conteúdo. Alguns fazem seminários com os alunos:

Eu já trabalhei em forma de seminário, em que eles pesquisaram; a gente fez uma conversa, como se fosse um debate, cada grupo falou a sua parte, explicou, e os outros perguntaram; eu já fiz também... trabalhamos na informática e eles fizeram como se fosse um informativo a respeito de doenças sexualmente transmissíveis, então cada dupla fez um informativo a respeito de uma doença, [...] porque aula mesmo, explicar doença por doença nunca, eu nunca abordei dessa forma, sempre abordei em forma de seminários, pra que eles também se envolvessem, ah, e uma outra vez a gente... uma outra vez eu fiz jogos, pedi que eles elaborassem jogos, abordando as diferentes doenças e os métodos contraceptivos. (N2)

Outros recorrem ao auxílio da internet, mostrando-se disponíveis a absorver novos meios de disseminação do conhecimento:

A internet... é fundamental, [...] a gente fez trabalho todo de pesquisa na oportunidade, [...] enriqueceu muito o trabalho. Os alunos fizeram uma exposição de vários tipos de doenças sexualmente transmissíveis, né, cada um se focou mais num determinado tipo de doença, mas foi muito interessante, então... principalmente internet, biblioteca...(N3)

Outros, ainda, trabalham com textos:

Eu trabalhei textos sobre gênero, fazendo a diferença entre sexo e gênero, falando do movimento feminista, um pouco da história do movimento feminista para chegar hoje, e falar de homofobia, falar dessas coisas assim. Mas com relação à convivência em grupo (H1)

Aulas expositivas, exibição de filmes, de documentários e leitura de livros são métodos comumente utilizados e empregados em suas aulas:

Eu tenho vídeos né, tem alguns vídeos... eu gravei um vídeo do [...] Dráuzio Varela. Ele fez uma vez, uma abordagem sobre os métodos contraceptivos e ele é bem didático, então eu gravei todos (N1)

[Utilizo a] discussão em sala de aula, a oralidade. (L4)

Biografia de autor; [...] muitos autores da literatura brasileira tinham desvios sexuais, então quando eu conto da vida dos autores, daí começam a vir as dúvidas, eles começam a expor as suas dúvidas, eles começam a se interessar mais pela literatura, não tanto pelo livro, mas pelos desvios de sexualidade de alguns autores, eles começam a se interessar, autor tal tinha tal desvio, ou, em livro tal eu vou encontrar tal... aliás, eu pego eles pela literatura, começo a incentivar a leitura por livros que abordam a sexualidade, isso eu faço muito. (L5)

Para iniciar a conversa, problematizar o tema, levantar perguntas e suscitar questionamentos, Moizés (2010) sugere a utilização de materiais educativos, como vídeos e *slides*, possibilitando abrir o debate.

Um professor das ciências da natureza relata que, apesar de nunca ter trabalhado especificamente sobre o assunto, ele usou um documentário para

chamar a atenção para as aulas da sua disciplina e que a mesma acabou indo para o lado do debate, cujo tema era a sexualidade:

Eu passei um vídeo pra eles, da BBC de Londres, “Instintos Sexuais Humanos” [...] como fundamento para chamar o interesse deles para reações químicas que acontecem tanto no nosso organismo [...]. De qualquer forma, ficou muito centrado nos instintos sexuais humanos naquele momento, então, essa, acho que talvez tenha sido a experiência mais direta com educação sexual ou com a sexualidade [...] então eles entraram, assim, de cabeça no tema e no debate. (N3)

O mesmo aconteceu com outra professora das ciências da natureza. Ela relata que estava abordando o conteúdo da sua disciplina, quando, num dado momento, os alunos associaram aquilo que ela estava dizendo com sexo:

Muitas vezes eu to falando de... dar e receber em termos de elétrons e eles já começam a ficar agitados em sala de aula e eu digo assim: “ó gente, são os hormônios”, e aí a gente começa a conversar e aí geralmente acontece de ir para o lado da sexualidade... (N1)

A mesma professora associou o conteúdo da sua disciplina com a temática sobre o funcionamento da ereção peniana:

Hoje mesmo, eu tava dando aula sobre éter, daí eu comentei, que o éter, como ele retira o calor da pele, aí eu falei, os guris, quando eles vão fazer uma cirurgia, e o pênis tá ereto, aí eu comecei a comentar, mas o que é a... por que o pênis fica ereto, porque tem corpos cavernosos, que flui sangue, então, o que acontece, tu põe o éter ali, ele não fica mais ereto, né, acaba com a ereção, por que? Porque vai baixar a temperatura... então eu comentei com eles isso. (N1)

Num outro momento, buscou o interesse dos alunos quando comentou uma aula que teve no mestrado:

Comentei uma aula que eu tive no mestrado, que foi [sobre] prótese peniana, né, como é que se faz a prótese peniana, eles perguntaram: “professora, mas fica sempre ereto?”, e eu disse: “sempre vai ficar ereto, mas tu é que vai moldar, é como se fosse um plástico dentro, um tubo de plástico dentro do pênis”; então quer dizer, ou seja, não é a minha área, mas como eu já tive, há... contato, a gente às vezes extrapola um pouquinho até do conteúdo que a gente ta dando, isso é tornar interessante. (N1)

A problematização, exemplificação e estudos de caso, assim como palestras com profissionais de saúde também são meios auxiliares para a compreensão e construção do conhecimento relativo à educação sexual (MANSO *et al.*, 2009).

É a situação exemplificada por uma das professoras das ciências da natureza:

Procurei as pessoas especializadas para me darem informações e para trazer para eles também. Eu conversei com uma enfermeira [risos] daqui do posto de saúde [indicou o Centro de Saúde Modelo], [...] ela veio, ela fez uma palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis; e tu notava, assim, né, que eles tinham muitas dúvidas, tipo assim, ó: “sexo oral dá cárie?”, né, coisa que pra nós, com uma certa cultura, seria quase impossível de tu imaginar uma coisa dessas, mas eles tem esse tipo de dúvidas, se sexo oral dá cárie, se a aids é transmitida via sexo oral, então, muitas coisas foram esclarecidas pra eles, nesse sentido, né. [...] ficaram bem a vontade para perguntar pra ela e ela trouxe, assim, um material muito rico, assim, há... até chocante, porque as doenças sexualmente transmissíveis elas têm um impacto, né, o visual dela é impactante, então eles ficaram muito impressionados. E ela distribuiu camisinhas, e falou sobre o sexo seguro, uma série de coisas, foi muito bom. (N4)

Alguns professores afirmaram que uma das estratégias para abordar o tema da sexualidade e que alcançariam melhor resultado seria separar meninos de meninas:

De repente separar meninos de meninas [...] porque as dúvidas são diferentes, os meninos têm outras dúvidas que as meninas não têm. (L3)

No Julinho tem épocas que tem muitas grávidas, então eu acho que deveria que ter esse trabalho, voltado para as adolescentes, separados até, só para as meninas, então, vamos trabalhar gravidez, com os guris, vamos trabalhar, gravidez, DST, AIDS, sabe, então... métodos contraceptivos, quais, como se colocar, onde comprar, eu acho que é importante isso. (N1)

De acordo com as informações obtidas na entrevista, pode-se constatar que a temática da sexualidade tem sido incorporada às aulas, porém não de forma sistemática. A maioria dos professores consultados aborda a sexualidade em sala de aula, visando principalmente informar e conscientizar os alunos com o intuito de evitar e prevenir a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e gestações não planejadas, além de diminuir o preconceito em relação à homossexualidade. Os

entrevistados apontaram que o tema sexualidade não está incluído na proposta curricular da maioria das disciplinas, não havendo inserção dessa temática no planejamento dos conteúdos. Contudo, disseram haver uma demanda espontânea, por parte dos alunos, para o debate acerca da sexualidade, o que resulta em intervenção dos professores no sentido de orientar e esclarecer questões surgidas em sala de aula.

5.2.2 E o que se passa pela cabeça e na vida dos meus alunos?

No mundo atual, falar sobre sexualidade se faz extremamente importante, mas antes é necessário conhecer a realidade de nossos jovens, a maneira como vivem sua sexualidade, para que se possa abordar esse tema de forma tranqüila, natural e franca e, assim, manter um diálogo aberto e que inspira segurança (GOMES, s.d.).

Conhecer o que se passa pela cabeça e pela vida dos adolescentes, entender sobre seus pensamentos e atitudes é a chave para alcançar a confiança necessária para estabelecer um diálogo produtivo entre professor e aluno.

Assim, analisou-se, na fala dos entrevistados, os aspectos da sexualidade do adolescente que surgiram com mais freqüência, levando a dividir este tema nos três subtemas expostos a seguir.

5.2.2.1 *Homoafetividade*

A escola, como um lugar privilegiado para a promoção do respeito às diversidades e para promoção de direitos sexuais e reprodutivos, tem fundamental importância para contribuir na formação de crianças e adolescentes, jovens cidadãos e cidadãs atuantes e capazes de contribuir para modificar a realidade atual.

Rocha e Mota (2008) afirmam que as discussões envolvendo sexualidade geralmente são feitas a partir da premissa de que os professores veem todos os alunos como sendo heterossexuais e que isso pode significar o afastamento do jovem da atividade e, pior, pode perpetuar uma ideia de “normalidade x anormalidade”, onde o “normal” seria a heterossexualidade.

Nesse contexto, as atividades educativas devem incluir a diversidade sexual como um tema específico a ser abordado, mas principalmente deve perpassar outras discussões e ser incluída como rotina nas disciplinas (ROCHA; MOTA, 2008).

Quando questionados sobre posicionamentos tomados quando se deparam com alguma questão relacionada à sexualidade, a maioria dos professores referiu à questão da homossexualidade.

É comum, nas dependências da escola, os professores depararem-se com casais homo e heterossexuais trocando carinhos, abraços e beijos, como aparece no relato de alguns professores:

A gente tem bastante caso, assim, de homossexualidade feminina, bem comum aqui no colégio [...] a gente vê com frequência as gurias andando de mãos, se abraçando, se beijando. (H4)

Agora começa essa época de primavera, né, então a gente vê muitos namoradinhos, casazinhos se rolando pelo corredor aqui. (N3)

Alguns professores comentaram sobre um fato ocorrido na escola, na hora do intervalo, quando casais de alunos homossexuais realizaram uma manifestação chamada “beijaço”:

Teve uma manifestação do grêmio [estudantil], contra a homofobia, então houve um beijaço, com pessoas do mesmo sexo se beijando [...] e [uma aluna], que tem a sexualidade voltada para o mesmo sexo, ela incentivava os alunos mais novos, também, a se beijarem, com pessoas do mesmo sexo [...]. (N1)

O pensamento dos entrevistados frente a essas situações assemelha-se muito: todos os que relataram a ocorrência de tais fatos, acreditam que a escola não é o ambiente propício; a maioria coíbe e chama a atenção dos alunos quando os mesmos trocam carícias e beijos no ambiente escolar:

Da minha parte eu sempre chamo atenção, e digo: ó... aqui... é muito legal isso aí, [...] agora, existe hora e existe lugar adequado para isso, e não é aqui. (N3)

É muito comum assim, na sala, um colocar a perna em cima da perna do outro: “ah, como assim, tu ta na sala de aula!”, não tem nada a ver com tu ser atrasada ou que que tem, mas é uma questão de postura, tu não ta em casa, não ta, sabe, na praça, tu ta em sala de aula. (L3)

[Eu digo]: “Ah, pessoal, vamos ter uma postura, vocês estão em sala de aula, vocês não estão em casa”. (L4)

Acho que não é lugar, que não é o momento; [...] e acho que eles têm que saber diferenciar a escola de um shopping, de uma praça [...]. (N2)

Segundo a fala de mais de uma professora, impedir as demonstrações públicas de afeto acaba levando alguns alunos a entender essa atitude como sendo uma questão de preconceito da parte dos professores:

[...] porque daí se eles estão namorando e são abordados, eles acham que é preconceito, e na verdade, a abordagem é pra qualquer casal, seja heterossexual, ou não. (N2)

“Ah professora, a senhora é homofóbica!” (L4)

Uma educadora posiciona-se de modo neutro quando o assunto é homossexualidade, evitando qualquer postura que os alunos entendam como preconceituosa de sua parte:

Em termos de sexualidade, homossexualidade, eu sempre tento tratar esses assuntos da forma mais natural possível pra que não... pra que ninguém possa entrar com a questão do preconceito, né, do professor falou isso, falou aquilo, então eu tento [...] não me posicionar a favor ou contra, eu fico de fora. Porque eu acho que não é o meu papel, dizer se é errado ou é certo. (N2)

Segundo Castro (2004), alguns professores exibem uma postura de distanciamento e, assim, de cumplicidade passiva com a violência contra jovens tidos como homossexuais ou como um tema que não é de sua competência. Desse modo, evitam ou omitem o debate, tão importante na dissolução de preconceitos e discriminações.

Um aspecto a ser considerado para as intervenções do professor nas situações de manifestação de sexualidade de seus alunos em sala de aula é o referente aos valores a ela associados. O professor não deve emitir juízo de valor sobre essas atitudes, e sim contextualizá-las (BRASIL, 1997a).

Uma professora contou sobre alunos que adotam uma postura bastante preconceituosa e agressiva diante da expressão de homossexualidade de colegas e professores:

Eu noto que muitos são contra o homossexualismo, os guris, então, são os primeiros a gritar contra o homossexualismo [...] eu sinto essa resistência deles, que eles não mudam de opinião. Então eles podem debater contigo, eles podem te ouvir, mas eles ainda acreditam que eles estão certos, que o certo é ser hetero, e que ser homo não pode, seja feminino ou masculino. [...] Se deixar, eles partem até para a violência, com colegas, ou até com professores que tem uma homossexualidade. Os alunos não aceitam, eles começam a implicar com o professor, e eles não falam só para o professor, não tiram sarro da cara do professor na sala de aula, eles comentam com outros professores: “professor, tu viu o fulano? O fulano fez assim na aula, ele falou aquilo, agiu desse jeito; ah professora, tu viu como ele é isso, como ele é aquilo?”. Então começam a usar termos pejorativos, chamam de bixa, chamam de “aquele gay”, o professor é gay, começam a usar nomes pejorativos. (N1)

Os professores e a escola devem buscar uma postura clara para não compactuar com qualquer tipo de violência. A escola deve ser um lugar onde se aprende o respeito e onde se constrói uma cultura em que a diversidade é um direito, sem priorizar qualquer grupo (ROCHA; MOTA, 2008).

O educador, ao presenciar qualquer tipo de atitude agressiva ou preconceituosa, precisa interferir, conforme defendido por um dos entrevistados:

“Só porque não é bom pra ti, tu não pode achar que é ruim pros outros, tu tem que respeitar, tu pode não ser homossexual, mas tu tem que respeitar a homossexualidade do outro; não como vocês fazem hoje, de querer agredir, de querer machucar os outros porque não são da mesma opinião que tu”. (N1)

A prática educativa deve produzir consciência e quebrar os silêncios em torno da intimidação, enfrentando-a como fenômeno que reproduz o afastamento social das pessoas consideradas ‘diferentes’ (ROCHA, MOTA, 2008).

Os entrevistados referem uma conduta de respeito às diversidades, como se pode observar na seguinte fala:

Independente da opção sexual, [...] todos merecem respeito. (N3)

Mesmo que os professores sejam de opinião de que a abordagem dos temas de sexualidade deva ser o mais natural possível, sem tabus, ao se depararem com situações de expressão de afetividade entre os adolescentes homossexuais, sentem-se constrangidos e podem agir de maneira preconceituosa:

Nos últimos anos, a gente tem algumas questões aparecendo muito, assim, que são as questões da homossexualidade, que estão assim, aflorando de uma maneira muito forte, e, hã... e tem a ver assim, eu tenho 49 anos, né, isso não é assim tão natural, né, a gente tem que dar uma, sabe, de vez em quando uma respirada para encarar como muito natural uma coisa que no dia a dia da gente não é tão natural assim. (L3)

Para Rocha e Mota (2008), os jovens homossexuais possuem uma grande vulnerabilidade, pois ao serem estigmatizados, marginalizados, podem acabar por abandonar a escola em função do preconceito que sofrem e ficam sem acesso a informações importantes para sua vida. Por isso, abordar a sexualidade em sala de aula é importante: para minimizar situações de preconceito e ajudar os alunos a se conhecerem melhor e saber lidar com as diferenças (SANTOS; SANTIAGO, 2008).

5.2.2.2 Gravidez

Quando se fala em educação sexual nas escolas, um tema que sobressai é o da gestação na adolescência como séria questão a ser resolvida na sociedade brasileira. Porém, estudos e experiências de trabalho com adolescentes desenvolvidos na última década demonstram que a gestação na adolescência pode ser tanto um fenômeno negativo como positivo na vida de uma pessoa. Pode ser vivenciada como um desafio cheio de ambivalências, que conduz ao crescimento pessoal e leva a novas combinações na vida da ou do adolescente, na estrutura familiar e comunitária (ROCHA; MOTA, 2008).

De fato, a gravidez na adolescência foi um dos aspectos da sexualidade mais referidos pelos entrevistados. O tema foi abordado sob diversos ângulos.

Um ponto importante mencionado pelos professores na entrevista foi o da anticoncepção. Uma professora da área das linguagens disse que os alunos têm dúvidas consideradas, por vezes, inacreditáveis. Uma delas é sobre o uso do preservativo:

[...] A gente acredita às vezes que o aluno chega no ensino médio, “ah, ele já sabe!” De verdade eles não sabem nada, eles acham que sabem alguma coisa e eles têm muitas dúvidas, às vezes umas coisas que a gente nem acredita, assim, sabe, perguntam umas coisas completamente...: “ah, se eu transar só de camisinha, não dá pra engravidar igual, não passa?”, sabe, então, esse tipo de pergunta às vezes tu diz assim, puxa, né, só se a camisinha estourar. (L3)

O pensamento mágico é intrínseco ao desenvolvimento psicológico do adolescente. Corresponde à idéia preconcebida de que, independente das ações praticadas, nada de ruim poderá acontecer consigo. Santos Júnior (1999, p. 225) explica:

“Na realidade, é uma exposição ao risco, partindo do pressuposto de que o dano não possa acontecer. É ter relações sexuais, sem preservativo, achando que não poderá adquirir alguma doença sexualmente transmissível ou ocorrer uma gravidez; enfim, é andar na linha do “limite de sua capacidade”.

Para o autor, o pensamento mágico, aliado à falta de maturidade, à curiosidade e o desafio, resulta, constantemente em um dano. Uma entrevistada concorda:

Um adolescente jamais vai achar que vai ser com ele que vai acontecer, sabe; se adultos as vezes fazem isso, adolescentes muito mais, é testar o limite, “ah, não vai dar nada! Não, não vai dar nada!” (L3)

Renepontes e Eisenstein (2005) nos fazem refletir sobre um ponto importante na questão da gravidez na adolescência, que é a repetição de padrões familiares, através da qual as adolescentes vivenciam as experiências e as expectativas de suas mães. Uma entrevistada aborda essa questão em sua fala:

[...] A gente é um espelho da família da gente e a gente tem uma tendência a repetir padrões, mesmo que eles sejam ruins. Se não tiver, em algum lugar, alguém pra quebrar esse padrão, ele vai se repetir. Uma mãe jovem, que tem um filho jovem, e que esse filho vai ter outro filho jovem. Esse padrão vai se repetindo. (L3)

Quando uma adolescente engravida, podem aumentar as chances de que ocorra a sua evasão da escola. A árdua tarefa que é cuidar de um bebê leva algumas adolescentes a deixarem a escola, que nem sempre se sentem motivadas e à vontade para continuar os estudos. Embora existam leis e respaldos legais que garantem o direito à amamentação, as escolas ainda são ineficientes em relação a isso (MÔNICO; 2010). Muitas adolescentes abandonam os estudos devido à gravidez, sendo que poucas retornam aos bancos escolares. Dentre as que continuam estudando, a maioria está em séries atrasadas em relação à idade cronológica (CAVALCANTI *et al*, 2000).

Uma professora da área das ciências humanas conta que a conversa sobre sexualidade, prevenção, planejamento inicia-se quando alguma colega que engravidou deixa de vir à escola:

[...] Às vezes acontece de naquele momento em que uma aluna desaparece da escola, e daí eles começam a conversar sobre isso, então às vezes eles trazem essa discussão de o quanto é importante fazer o planejamento, de quanto é importante [...] não só saber sobre as prevenções, mas realmente utilizá-las, porque às vezes eles têm a informação, mas entre ter a informação e fazer corretamente [...]. Então é nessas situações que aparecem... (H3)

No relato da mesma professora, nota-se que não somente as meninas se interessam em conversar sobre maternidade/paternidade, mas também os meninos:

Eu já tive o caso de um menino que foi pai muito cedo e que ele veio conversar sobre isso, mas é mais no momento em que ele já era pai, já tava concretizada a situação, então... deu pra conversar sobre isso, mais no sentido assim informal, na verdade. (H3)

Uma professora contou sobre uma aluna que engravidou e tornou-se infreqüente em suas aulas.

[...] uma menina sumiu, ficou um mês, eu acho, sem vir à aula. “Cadê a fulana, cadê a fulana?” A fulana tava grávida, né, tinha 15 anos. (L3)

A mesma professora relata que se sentiu muito incomodada em assistir aos colegas bajulando a jovem grávida, hipervalorizando a gestação da colega. Então, interveio:

[...] todo mundo babava em volta da grávida: “ah, porque não sei o que... ah, porque no chá de fralda... ah porque já tem todo o enxoval...”, e aí, me pareceu, num dado momento, que tinha virado uma coisa ao contrário, ao invés de todo mundo dizer: “não é hora”, todo mundo: “ai que legal, que legal, que legal, que legal”; aquilo começou a me incomodar de um jeito, [...] Um dia [...] eu disse: “vai ser hoje”. E aí eu disse pra eles: “olha gente, eu vou ser muito franca com vocês, eu tenho dois filhos, é super bacana ser mãe, é muito legal; quando a gente ta afim é mais legal ainda, sabe, mas eu acho que pode ser sempre bom, só que agora é hora de ser filhos, não a hora de vocês serem pais [...]; não é a hora da gente acordar de madrugada pra embalar o filho, é a hora da gente sair de madrugada

pra festa”. [...] eu me senti muito, assim, incomodada com aquela situação porque era uma hipervalorização daquela gravidez, assim, então... parecia que dali a pouco que todas as meninas iam achar lindo ficar grávida, [...] é muito bacana, ficou grávida, que bom que a família [...] conseguiu ajeitar...o que não é as vezes o normal nessa situação. [...] É hora de serem filhos, não é hora de serem pais; então eu acho que essa intervenção da gente é importante. (L3)

Uma professora da área das ciências da natureza relata que quando alguma aluna sua engravida, costuma encaminhá-la para consultar com um médico e fazer o pré-natal:

[...] Daí então elas vem me procurar pra conversar e eu sempre digo: “tu tens que ir no médico, procurar fazer o pré-natal”. (N2)

A gestação/paternidade na adolescência deve ser enfrentada, amparada e discutida por todos no ambiente escolar. Os tópicos relativos à anticoncepção são importantes, porém tão importante quanto à aprendizagem dos métodos contraceptivos, é o encaminhamento e o atendimento às necessidades daqueles adolescentes que engravidaram ou foram pais durante o seu período escolar. Esse atendimento é fundamental para o progresso dos jovens que se tornam pais na adolescência.

5.2.2.3 Doenças sexualmente transmissíveis

Apesar de ter aparecido nas respostas da entrevista, o tema DST teve pouco destaque em relação aos dois temas anteriores. Nem todos os professores abordaram o assunto. Em sala de aula, aqueles que o fazem, são em iniciativas isoladas, quando os alunos trazem o questionamento, e com a intenção de apenas informar. Outros, não trabalham DSTs, mas afirmam que não se importariam de trabalhar o assunto com os alunos. Esta atitude pode ser constatada no relato de uma professora da área das linguagens:

Eles [alunos] trazem problemas de doenças, de saúde da família, claramente, assim: “minha mãe tem isso, meu pai tem isso”; [...] nós [da área das linguagens], deixamos que a questão apareça, para trabalhar. [...] Eu não me importaria de trabalhar... em inglês tem muitos textos sobre saúde, com dados, nos nossos livros têm sobre o aumento da AIDS. (L4)

Souza *et al* (2008, p. 467) afirmam:

“A prática de apenas informar parece que não é o suficiente quando se têm em foco a temática educação sexual e especificamente a prevenção das DST/ AIDS entre adolescentes. Hoje não basta apenas que as informações sejam trabalhadas pelo educador ou que só ele fala, pois o adolescente precisa participar neste processo, ele necessita de uma abertura para sua participação, seu potencial deve ser reconhecido e valorizado assim como seus saberes e suas experiências. Assim, acredita-se que desta forma possa tornar o aprendizado significativo o suficiente para que o aluno assuma o compromisso de sua auto responsabilização, zelando pela sua saúde.”

Recentes notícias divulgadas pelo Ministério da Saúde informam que o Estado do Rio Grande do Sul lidera taxa de incidência de AIDS no Brasil. Segundo os dados do Boletim Epidemiológico AIDS/DST, a capital que apresenta maior incidência de HIV/Aids é Porto Alegre. Alerta também para a taxa de incidência entre rapazes na faixa etária de 15 a 24 anos, que teve um acréscimo de 16,8%. A pesquisa revela que houve um aumento de 10,1% no número de casos entre rapazes homossexuais nessa faixa etária (AIDS..., 2011).

Nesse contexto, mostra-se importante a abordagem ampla e aberta acerca das DSTs. Os professores das diversas áreas devem ser capacitados para trabalhar a educação como prevenção primária em saúde. Para isto, os temas transversais abrem um vasto caminho, pois a educação deve abranger o tema em sua totalidade e não isoladamente como vem sendo feita (BERTOI; FARIAS; SILVA, 2008).

Então eu acho importante o aluno hoje, em plena era em nós estamos com o problema da AIDS, né, é... problemas de hepatite C... eu acho fundamental que esses adolescentes saibam como se prevenir, né, saibam como se portar no seu cotidiano. (N1)

Todos os professores necessitam ser preparados para, pelo menos, identificar os principais sinais e sintomas de cada DST e estarem aptos a discutir, orientar e multiplicar essas informações para os alunos. Além disso, é importante que saibam para onde encaminhar os alunos que necessitem ser atendidos por profissionais de saúde.

5.2.3 A escola como espaço para falar, para ousar e para experimentar.

O ambiente escolar é repleto de situações que representam grandes desafios para os educandos e para os educadores. A escola é um espaço importante onde os jovens buscam reconhecer a sua identidade, onde podem experimentar, onde testam seus próprios limites.

As aceleradas mudanças socioculturais e comportamentais que estão ocorrendo e que influenciam as gerações mais novas são desafios que perpassam todas as instâncias da vida do adolescente e que devem ser entendidas e acompanhadas pelos pais e pelos educadores. Além disso:

“independentemente da participação familiar e escolar no processo educativo, a sexualidade está abertamente debatida na sociedade e nos meios de comunicação, como a televisão, o rádio e a Internet, que têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com um bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre a sexualidade.” (JARDIM; BRÉTAS, 2006, p. 158).

Sabe-se que a escola é um cenário muito apropriado para o desenvolvimento de um programa de educação sexual, por que além de uma ação direta que exerce sobre os educandos, indiretamente incentiva a própria família a desempenhar o seu papel (BRASIL, 1994). A escola, como principal espaço organizado responsável pela formação integral do ser humano, deve procurar formas de abordar a sexualidade de maneira eficaz e positiva, enfocando o respeito do adolescente com seu próprio corpo e o dos outros, fornecendo informações para que o adolescente possa planejar uma vida sexual saudável.

Acerca dessa temática do papel da escola e dos professores e da necessidade de apoio de outros profissionais, abrem-se dois subtemas, que serão discutidos a seguir.

5.2.3.1 O papel da escola e dos professores e sua interface com outros profissionais

O papel primário da educação em sexualidade é dos pais e da família, servindo como fonte de informação, apoio e assistência, moldando uma abordagem saudável à sexualidade e aos relacionamentos. Porém, cabe aos governos, por meio de ministérios de educação, escolas e professores, apoiar e complementar o papel dos pais, fornecendo um ambiente de aprendizado seguro e de apoio e os instrumentos e materiais para prestar uma educação em sexualidade de boa qualidade (UNESCO, 2010).

Um informante da pesquisa confirma:

Eu acho que aqui tudo é educação, o que a gente respira aqui é educação, e a educação sexual não é diferente, [...] toda a escola deve estar voltada para esses aspectos. (N3)

Normalmente acredita-se que as famílias apresentam resistência à abordagem das questões referentes à educação sexual no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa (BRASIL, 1997a).

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997b), cabe à escola oferecer ao adolescente, informações além daquelas que ele já possui e esclarecer algumas dúvidas ou distorções que possam existir, fazendo o aluno refletir sobre aquilo que lhe foi exposto, para que assim possa criar uma opinião a respeito dos assuntos abordados. As informações passadas devem ter um embasamento científico, e deve-se criar um ambiente propício para que haja discussões, debates sobre o assunto apresentado e demais assuntos que irão surgindo, para que, assim, o aluno crie uma opinião coerente.

A resposta de uma professora sobre o modo como o tema sexualidade deve ser abordado em sala de aula confirma as premissas dos PCNs:

Eu acho primeiro bem científico, explicar as coisas como elas são, e depois, ver a parte de comportamento das pessoas. (L1)

Os mesmos parâmetros também propõem que os temas sobre sexualidade estejam presentes em todas as áreas do conhecimento, através da transversalidade dos conteúdos. Alguns entrevistados demonstram conhecimento dessa proposta:

Acho que a escola tem que trabalhar como um tema transversal não só o professor trabalhar em sala de aula, não só na disciplina, por exemplo, de biologia. (H3)

Outros propõem a interdisciplinaridade:

A educação sexual ela tem que ser uma situação... uma coisa assim extremamente abrangente, eu acho que todas as disciplinas tinham que ter um foco na educação sexual, porque é uma situação real que a gente vive, [...] então eu acho que a educação sexual tinha que ser assim, interdisciplinar, um tema integrador de todas as disciplinas. (N4)

Todo o pessoal da escola deve ser sensibilizado, desde funcionários até a direção. Quanto maior for o comprometimento coletivo da equipe multidisciplinar inicialmente responsável pelo projeto, maior a sensibilização de todo o pessoal. O ideal é que o projeto que seja reconhecido e abraçado como um projeto da escola (ROCHA; MOTA, 2008).

Apesar da maioria dos educadores entrevistados afirmarem trabalhar educação sexual com os adolescentes, constata-se que até mesmo professores de disciplinas da área das ciências da natureza tem certo grau de afastamento do tema educação sexual:

Na minha disciplina a gente não tem um contato mais claro, mais direto com isso. (N3)

A transversalidade exige não apenas domínio do conteúdo da disciplina de um professor, mas conhecimento específico das disciplinas curriculares e habilidade para inserir temas transversais que fogem da especificidade a que está habituado a lidar. O grande desafio é capacitar o professor para desenvolver um trabalho eficaz e esclarecedor sobre a sexualidade na escola. Para isso, os educadores devem ser bem informados e conscientes da importância de sua atuação na área (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Uma professora queixou-se da falta de orientação:

Acho que os professores tinham que ser mais orientados, pra que eles pudessem fazer um trabalho legal, e integrado. (N4)

Alguns professores falaram que a escola é omissa em educar sexualmente, que o tema não é bem trabalhado, como podemos ver nos seguintes relatos:

Eu acredito que a escola é omissa diante da educação sexual, ou por despreparo, ou porque a escola não tem condições de tratar do assunto. (L3)

Eu acho que é um assunto que melhor trabalhado em aula, é um assunto que eu vejo assim, que muitas vezes a gente fala, a gente conversa em aula, a gente vê que não é bem abordado, discutido. Aqui na nossa escola, por exemplo, não me parece ser bem discutido, né, por todas as disciplinas, né, eu acho que precisa ser melhor trabalhado.(H2)

A maioria dos educadores manifestou dar grande importância à educação sexual na escola, porém alguns manifestaram a necessidade da integração familiar no processo de educação sexual:

Acredito que a questão da sexualidade ela deve ser iniciada nas famílias, eu acho que é extremamente importante, eu acho que a primeira referência, que a criança e o adolescente vai ter é na sua família. (H3)

Verificou-se também a necessidade de buscar apoio dos profissionais da área da saúde para atuar em conjunto com a escola:

Eu só queria dizer que realmente assim ó, a importância eu acho importante que vocês da Enfermagem deveriam ir nas escolas, fazer um projeto, ir nas escolas com projeto assim, que envolva não só a sexualidade, como eles cuidarem do corpo, mas também como se prevenir, porque por mais campanhas que tenham na TV... parece que eles não entendem, no momento que vocês trouxerem slides que mostram pessoas que estão com AIDS, pessoas, há... como é que ficam os órgãos genitais com as DSTs, se eles verem, e, no momento que eles estão trabalhando com profissionais da área eles vão ver que a coisa é séria, talvez eles tenham mais consciência do que nós professores só falando: “fulaninho, cuidado, a AIDS... se tu pegar AIDS, tua vida ta decretada, tu pode viver dez, doze, vinte anos, mas são horríveis os coquetéis e tu vai, e tu vai ser sempre rotulado como aidético, então cuidado, pra que isso?” Então talvez vocês tenham um alcance maior do que nós professores tenhamos, e eu acho isso importante, mas só vir falar pra eles não adianta, vocês tem que fazer um projeto que eles fiquem, sabe, chocados... chocados... e aí, talvez isso leve eles a pensar, a rever sua postura. [...] Para os alunos terem mais respeito, eu acho que tem que ser alguém da área da saúde, alguém que realmente diga: “olha, eu passei a vida inteira estudando isso, entendeu, eu já vi várias pessoas com isso, então abre o olho”... (N1)

A enfermagem e a educação se aproximam da temática, na medida em que ambas lidam com ações educativas junto à população. Juntas se fortalecem ao

desenvolver ações com uma finalidade única: promoção, prevenção e proteção da saúde, no nível individual ou coletivo.

Os enfermeiros têm um grande papel nas escolas na medida em que podem instrumentalizar cientificamente os professores e auxiliá-los a entender as necessidades dos alunos e desenvolverem uma efetiva educação para a saúde (MOIZÉS; BUENO, 2010).

Para que, na escola, haja a construção de um espaço acolhedor ao adolescente, que o estimule à expressão de suas dúvidas acerca de sua sexualidade, à busca de informações para saná-las, é necessário que o educador mostre-se envolvido e aberto ao conversar com seus alunos, uma vez que estes, na fase da adolescência estão passando por um processo de construção de identidade. (SANTOS, s.d.)

Segundo CAVALCANTI (1993), o professor que será procurado não será necessariamente o professor que leciona a disciplina de Biologia, por ser ele quem trabalha o aspecto fisiológico da sexualidade em sala de aula, mas aquele professor com o qual o aluno se identifica, que é uma pessoa significativa para ele, este sim será um bom educador sexual, se estiver preparado.

A proximidade do aluno com o professor proporciona o sentimento de acolhimento pelo estudante, estabelecendo uma relação de confiança entre ambos, deixando-o a vontade para perguntar e pedir ajuda.

Uma professora da área das linguagens concorda e acrescenta:

Eu acho que essa intervenção da gente é importante, assim, porque é a voz de um adulto, né, e eu acho que ela fica bem legal, se tu tem uma relação legal com o grupo, porque eles vão te ouvir. (L3)

Além disso, alguns entrevistados comentam que os alunos perguntam sobre a sua vida pessoal e que veem aí, uma oportunidade para estabelecer um laço de confiança:

Eles querem saber se a gente é casada, se a gente tem filho, se a gente isso, se a gente aquilo, então... com quantos anos namorou, com quantos anos não sei o que, então eles adoram perguntar. Então a gente tem mais é que responder, porque é uma maneira de abrir esse canal para eles ficarem a vontade para perguntar alguma coisa. (L3)

É fundamental que os educadores desenvolvam o sentimento de empatia e que tenham um bom relacionamento com o grupo de estudantes. (SANTOS, 2001). É importante que os alunos tenham entrosamento com os educadores, a fim de sentirem-se à vontade em expressar livremente suas dúvidas, dividir suas angústias e expectativas e dirimir suas dúvidas.

Os questionamentos sobre a vida pessoal do professor podem tornar-se um ponto delicado na relação professor/aluno e a atitude de alguns professores é os desencorajar a continuar:

Eles vão perguntando, se tu deixar, eles vão perguntando esse monte de coisas, né... mas assim, eles querem saber da tua vida particular, sexual, mas eu não dou muita abertura nisso, porque eu acho que até pra tu ser respeitado, né, para tu seres respeitado, tu tem que ter... Tem aquilo, né, não se chegar demais nem se distanciar demais, porque tu já sabe qual é o objetivo que eles querem chegar, então tem que ir mais assim... é uma questão delicada isso, eu acho que tem que cuidar o que fala...(L4)

O trabalho de educação em sexualidade é função de todos os que atuam na escola. Porém, é necessário que se busque constantemente pela formação e qualificação daqueles que irão assumir a linha de frente da sala de aula: os professores. Para tanto, a aliança entre os educadores e os profissionais da área da saúde, enfermagem, psicologia, medicina, entre outras, torna-se extremamente relevante. Assumindo juntos, formaremos cidadãos conscientes e plenos no exercício da sua cidadania.

5.2.3.2 A participação da família

Para Sayão (1997), os primeiros e principais responsáveis por uma educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade são os pais e os professores devem ser os principais aliados nessa tarefa.

Segundo Tiba (1994, p. 27), “os pais precisam reassumir o controle da educação sexual, pois esta não tem começo, meio e fim. É um aprendizado constante, é a transmissão do *como somos*. Isso compete aos pais.”

Os professores entendem que a educação sexual deva iniciar com a família; comentaram que os pais muitas vezes não sabem ou não têm estrutura para conversar com seus filhos sobre sexualidade, e que os adolescentes não se sentem

à vontade ou têm dificuldade para falar sobre o assunto com os pais. Assim, a escola deveria assumir esse papel:

Os pais, às vezes, não tem também essa estrutura, sabe, pais com informação às vezes não conseguem conversar com seus filhos, imagina sem, né... então eu acho que a escola podia fazer mais esse papel, não que ela tenha que assumir o papel da família, não é isso, mas ela poderia ser pelo menos o papel da informação correta, pelo menos isso, acho que daí, ficaria legal. (L3)

Muitas vezes eles não têm essa liberdade de conversar com os pais sobre isso, então eu acho que esse é o papel da escola, entende? (N4)

Eu imagino que a educação sexual deva ser trabalhada fundamentalmente em casa, a família, né, se ela tiver uma boa base, se os pais forem bem abertos pra conversar, pra explicar... mas é claro que a escola, ela é um seguimento, assim, ela é um seguimento da família, no meu ponto de vista. (L2)

Sempre o adolescente tem dificuldade em abordar, até com os próprios pais, por isso, né, é importante [...] eles estarem assim, próximos a uma pessoa que eles adquiram confiança também... (L1)

Porque muitos pais têm vergonha de abordar com seus filhos [...] Então, eles vêm e te contam, sabe, coisas que talvez com os pais eles não tenham, talvez, ou por repressão do pai ou da mãe, ou ignorância, porque vamos convir que têm muitos pais que não abordam por ignorância [...] (N1)

A família, primeira e principal responsável pela educação sexual de seus filhos, deve ser ouvida. Envolver os familiares na elaboração da proposta pedagógica da escola possibilita compartilhar idéias, pensamentos, modos de agir, atitudes e valores. A escola e a família, ao interagirem, construirão e compartilharão valores, contribuem para a formação integral do adolescente e tornam o diálogo de ambos com o adolescente mais fácil e resolutivo, reaproximando-o e estabelecendo confiança mútua .

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou aprofundar a minha reflexão acerca da sexualidade e da realização de atividades de orientação sexual com adolescentes no âmbito escolar.

A maioria dos professores entrevistados revelou tratar com muita naturalidade os temas relacionados à sexualidade em sala de aula. Alguns revelaram que, apesar deste tema estar afastado da sua prática diária, sempre quando questionados, não deixam os alunos sem respostas.

Apesar de serem vistos com naturalidade e não serem considerados um tabu para a maioria dos professores entrevistados, os assuntos relativos à sexualidade não são abordados de modo amplo e disseminado na escola. As iniciativas geralmente são pontuais e isoladas e o tema não consta no currículo da maioria das disciplinas. Os professores referem que, quando são questionados, procuram trabalhar as dúvidas, porém apenas em caráter informativo e pela demanda espontânea do aluno ou quando o tema é de interesse do professor. Não há transversalidade fora da demanda espontânea, a educação sexual ainda não está no cotidiano da escola.

Os educadores demonstraram bastante interesse em querer trabalhar com a orientação sexual com seus alunos, porém não há projeto da escola sobre o tema. Demonstraram disposição em buscar informações relativas à sexualidade nas mais diversas fontes e deixaram transparecer bastante preocupação com os adolescentes.

Quanto às dificuldades, a maioria acredita não possuí-las, porém alguns enxergam dificuldades nos alunos, quando os mesmos adotam posturas intolerantes, o que, para eles, dificulta a ação do professor. Confessam que se sentem incomodados com as demonstrações públicas de afeto dos alunos, e que coíbem essas manifestações no ambiente escolar. Saliendam que se sentem despreparados para trabalhar sobre o tema.

O estudo possibilitou constatar que se faz necessária a orientação dos professores para trabalhar adequadamente com educação sexual e para lidarem efetivamente com as questões relacionadas à sexualidade dos seus alunos. Nesse contexto, os profissionais da enfermagem são grandes aliados dos professores, no

sentido de conscientizá-los da importância da sua atuação e capacitá-los a atuar de forma a transformar realidades. Alguns professores disseram que já trabalharam com profissionais da enfermagem e que essa foi uma boa experiência.

Os assuntos mais abordados pelos educadores em sala de aula são gravidez, homossexualidade e doenças sexualmente transmissíveis.

O professor deve ser um profissional capaz de lidar com a diversidade sexual dentro da sala de aula, agindo de maneira adequada no cotidiano escolar, de modo que seus esforços sejam sempre na tentativa de romper com as ações discriminatórias. A escola é muito importante nesse sentido, pois ela é um dos meios que coopera para a formação do indivíduo, é um ambiente que favorece a socialização e educa para a reflexão crítica.

Na visão dos professores, os alunos não procuram os pais para sanar suas dúvidas e dificuldades quando o assunto é sexo. Entendem que por isso é grande a sua responsabilidade e importância como uma pessoa em quem o aluno pode confiar e contar.

A escola tem o grande e desafiador papel de lidar com os adolescentes nos mais amplos aspectos de sua vida. A abordagem da sexualidade é apenas um deles, porém muito importante. Os conteúdos dessa abordagem não devem estar restritos à biologia do sistema reprodutor, mas ampliados pelos aspectos sociais, culturais, filosóficos, éticos, psicológicos, entre outros, pois são estes aspectos, em conjunto com a biologia, que dão sentido à sexualidade e capacitam os professores para desenvolverem esta temática em sala de aula. Por isso, o trabalho em orientação sexual não precisa necessariamente ser desenvolvido pelos professores de biologia, mas por qualquer professor.

Um bom entrosamento com os alunos, o interesse pelo assunto e uma capacitação adequada são fatores decisivos num efetivo trabalho de orientação sexual com adolescentes. Além disso, conhecer o mundo em que o adolescente está inserido e despir-se que qualquer preconceito, respeitar posicionamentos e visões de mundo dos alunos é fundamental para o sucesso do trabalho. Também é importante o professor rever constantemente a sua postura e atualizar seus conhecimentos.

O professor não pode estar sozinho nessa tarefa. A família também precisa ser preparada e ouvida e a escola deve fornecer meios para que isto aconteça.

Nessa perspectiva, o caminho para abordar o tema sexualidade de maneira efetiva se faz através da interação da escola com a família, intermediada pelos profissionais de saúde, e dentre estes, de enfermagem. Os pais, como os primeiros e principais responsáveis pela educação sexual dos filhos; os professores como profissionais responsáveis pela sistematização dos conhecimentos, preparando os adolescentes para uma vida saudável; e os profissionais da enfermagem, que, instrumentalizando ambas as instituições para melhor abordarem a temática com os adolescentes, facilitam o desenvolvimento de ações de educação em saúde que promovam, previnam e protejam a saúde dos adolescentes.

Essa interação entre escola, pais e enfermagem se faz necessária no âmbito escolar para transmitir aos jovens uma visão positiva da sexualidade, viabilizando que ela seja exercida de forma plena e saudável. As atividades de educação em saúde devem ser desenvolvidas e implementadas pelos profissionais da área da saúde de forma constante junto às escolas.

É importante dar continuidade a estudos semelhantes, que busquem e beneficiem cada vez mais o entendimento da temática, que estimulem a aproximação dos profissionais da enfermagem aos professores e escolas e que contribuam para a melhora dos indicadores atuais das DSTs, gravidez na adolescência e práticas homofóbicas.

A pesquisa trouxe aspectos muito positivos para a minha caminhada como professora e, dentro de pouco tempo, profissional de enfermagem.

Ficaram evidentes os desafios de se trabalhar com a temática sexualidade na escola. Pude constatar o quanto se faz necessária uma maior inserção do enfermeiro nas escolas desempenhando o papel educador desse profissional. Acredito que a jornada é longa, mas o caminho está aberto.

REFERÊNCIAS

- AIDS: RS lidera taxa de incidência. **Correio do Povo**. Porto Alegre, n. 60, p. 23, 29 nov. 2011.
- ALENCAR, Rúbia de Aguiar et al. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008.
- ALMEIDA, Maria da Conceição C.; AQUINO, Estela M. L.; BARROS, Antoniel Pinheiro de. Trajetória escolar e gravidez na adolescência entre jovens de três capitais brasileiras. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700005&lng=en>. Acesso em: 04 nov. 2010.
- BERTOI, Jussara Machado; FARIAS, Maria Eloisa; SILVA, Juliana da. Trabalhando prevenção ao uso de drogas e doenças sexualmente transmitidas (DST'S) com oficinas lúdico-pedagógicas na formação de professores. **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**. Niterói, v. 1, n. 2, p. 29-40, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.uniqli.com.br/mestrado/rempec/img/conteudo/Texto%203%20Jussara%20Bertoi.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2011.
- BORBA, Francisco da Silva (Org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2005.
- BORGES, Ana Luiza Vilela. Pressão social do grupo de pares na iniciação sexual de adolescentes. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 782-786, dez. 2007.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Resolução CEB nº 3, de 26 de junho de 2000. In: BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. 109 p. p. 101-102. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.
- _____. _____. Orientação Sexual. In: BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais 1ª a 4ª Séries**. Brasília: MEC-SEF, 1997a, v. 10.2, p. 71-112. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política Educacional em Sexualidade**. Série Educação Preventiva Integral. Brasília (DF): Ministério da Educação e Desporto, 1994. Disponível em: < http://extras.ufg.br/uploads/16/original_pplgbt-59.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2011.
- _____. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco Teórico e Referencial: Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens**. Versão preliminar. Brasília, DF:

Ministério da Saúde, 2006a. 56 p. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_teorico_referencial.pdf>. Acesso em: 26 set. 2010.

_____. Ministério da Saúde, Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

_____. _____, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. **Diretrizes para Implementação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas**. Brasília - DF: Ministério da Saúde, 2006b. 24 p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_prevencao_escolas.pdf>. Acesso em 27 set. 2008.

_____. Presidência da República. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 dez. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm>. Acesso em 16 ago 2010.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais. Ética. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001339/133977por.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2011.

CAVALCANTI, Adriana Paula Leocádio *et al.* Aspectos psicossociais de adolescentes gestantes atendidas em um serviço público da cidade de Recife. *In*: RAMOS, Flávia Regina Souza; MONTICELLI, Marisa; NITSCHKE, Rosane Gonçalves (Org.). **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. 196p. p. 112-118.

CAVALCANTI, Ricardo da Cunha. Educação sexual no Brasil e na América Latina. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 164-173, jul. dez. 1993. Disponível em: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/volumes/volume4_2.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DATASUS, 2008. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/ldb2008/Com_D15.pdf>. Acesso em: 04 nov 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Ana Paula Martins Joviano. **Manifestações da sexualidade no comportamento dos adolescentes e a influência da mídia**. Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/445-4.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

GRAVIDEZ na adolescência diminui na Capital. **Diário Oficial de Porto Alegre**. Porto Alegre, n. 3353, p. 1, 09 set. 2008.

HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). **Sexualidade**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 2, n. 59, p. 157-162. mar./abr. 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

JESUS, Maria Cristina Pinto. Educação sexual e compreensão da sexualidade na perspectiva da enfermagem. *In*: RAMOS, Flávia Regina Souza; MONTICELLI, Marisa; NITSCHKE, Rosane Gonçalves (Org.). **Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília: ABEn/Governo Federal, 2000. 196 p. p. 46-55.

LIRA, Andréia; JOFILI, Zélia. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **Revista Eletrônica do Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**. Niterói, v. 3, n. 1, p. 22-41, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.unipli.com.br/mestrado/img/conteudo/artigo2.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2011.

MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. *In*: BRASIL; ABEN. **Revista Adolescere**: compreender, atuar, acolher, Brasília-DF: Ministério da Saúde/ABEn, 2000. 271 p. p. 61-76. Disponível em: <<http://www.abenacional.org.br/revista/cap3.1.html>>. Acesso em: 12 out. 2010.

MANSO, Tatiana Kelly Conceição *et al.* Orientação Sexual em Aulas de Ciências: uma realidade? *In*: **Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão - JEPEX 2009**. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2009. Disponível em: < <http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R1497-1.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOIZÉS, Juliana Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205–212, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2011.

MÔNICO, Andréia Graziela Ferreira. Gravidez na adolescência e evasão escolar: o que a escola tem a ver com isso? **Revista Científica da Faculdade Cenequista de Vila Velha**. Vila Velha, n. 4, p. 39-49, jan. - jun. 2010. Disponível em: < <http://www.facevv.edu.br/Revista/04/GRAVIDEZ%20NA%20ADOLESCÊNCIA%20E%20EVASÃO%20ESCOLAR%20O%20QUE%20A%20ESCOLA%20TEM%20A%20VER%20COM%20ISSO%20-%20andrea%20graziela.pdf>>. Acesso em 30 nov. 2011

OLIVEIRA, Meire Rose Anjos; MORGADO, Maria Aparecida. Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29, **Anais...** Caxambu: ANPED, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

RAMA, Cristina Helena *et al.* Prevalência do HPV em mulheres rastreadas para o câncer cervical. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 123-130, fev. 2008.

RAMIN, Célia Souza de Araújo; SOLER, Zaida Aurora Sperli Geraldês. O ensino da sexualidade em “xeque” em um curso de enfermagem. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO

DE COMUNICAÇÃO EM ENFERMAGEM, 8., maio 2002, São Paulo. **Proceedings online...** Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Riberão Preto – USP, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000052002000100037&script=sci_arttext> Acesso em: 04 nov. 2010.

RENEPONTES, Patrícia; EISENSTEIN, Evelyn. Gravidez na adolescência: a história se repete. *In: Adolescência & Saúde*, v. 2, n. 3, p. 11-15, set. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=161>. Acesso em: 02 dez. 2011.

REZENDE, Erika Luiza Lage Fazito *et al.* Anexo I: Cenário Epidemiológico. *In: BRASIL. Boletim Epidemiológico: AIDS e DST.* ano VI, n. 1. Brasília-DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2010. 68 p. p. 43-50. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/sites/default/files/Boletim2010.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

ROCHA, Cláudia Menezes Regina da; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho; SOUZA, Maria do Socorro da Silva. O acompanhamento do adolescente na escola. *In: BRASIL; ABEN. Revista Adolescer: compreender, atuar, acolher*, Brasília-DF: Ministério da Saúde/ABEn, 2000. Disponível em: <<http://www.abennacional.org.br/revista/cap2.3.html>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

ROCHA, Regina; MOTA, Adriana MOTA (Org.). **Sexualidade na adolescência e escola.** Rio de Janeiro: Nova Pesquisa, 2008. 78 p. Disponível em: <http://www.iin.oea.org/iin/newsletter/boletim5/publicaciones-recibidas-esp/Sexualidade_Adolescencia_Escola.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2011.

SANTANA, Margarida Carvalho de; WALDHELM, Mônica de Cássia Vieira. Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências: desvelando os bastidores de uma proposta. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 2, n. 2, p. 2-20, ago. 2009. Disponível em: <http://www.unipli.com.br/mestrado/rempec/img/conteudo/Texto_1_Margarida.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2010.

SABROZA, Adriane Reis *et al.* Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999 – 2001). **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 20, supl. 1, p. S130-S137. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20s1/14.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2011.

SANTOS, Ellis Regina Ferreira dos; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. Sexualidade na escola: do entendimento dos/as professores/as à prática em sala de aula. **Revista Ártemis**, v. 8, p. 41-56, jun. 2008. Disponível em: <http://www.prode.ma.ufpb.br/revistaartemis/numero8/artigos/artigo_04.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2011.

SANTOS, Gilmar. **Gravidez na adolescência, discussão no âmbito escolar.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/447-4.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

SANTOS, Marluce Alves dos. **Orientação sexual no 1º e 2º ciclos do ensino fundamental: uma realidade distante?** Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001. Disponível em: <<http://www.adolesc.br/bvs/adolesc/P/elettrseleccionado.htm>>. Acesso em: 26 out. 2011.

SANTOS JÚNIOR, José Domingues dos. Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade. *In: Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento.* Brasília-DF: Ministério da Saúde, 1999. 303 p. p. 223-239.

Disponível em: <<http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/pdf/cadernos1.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

SOUZA, Márcia Maria de *et al.* Orientação sexual: conhecimentos e necessidades de professores de um colégio público de Goiânia – GO. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. 2008, v. 2, n. 10. p. 460-471. Disponível em: <<http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n2/v10n2a17.htm>>. Acesso em: 01 dez 2011.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas de informação sexual e o papel da escola. *In*: AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 97-105.

TAQUETTE, Stella R. Sexualidade na Adolescência. *In*: BRASIL. **Saúde do Adolescente: competências e habilidades**. Séries B. Textos Básicos em Saúde. Brasília-DF: Editora do Ministério da Saúde, 2008. 700 p. p. 205-211.

TIBA, Içami. **Adolescência: O despertar do sexo**. 17. ed. São Paulo: Gente, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **O Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...** Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000027.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

_____. **Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde**. Paris: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>>. Acesso em 18 nov. 2011.

VIEIRA, Leila Maria *et al.* Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Revista Brasileira Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 6, n. 1, p. 135-140, jan./mar. 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Health Statistics**, 2010. p. 16. Disponível em <http://www.who.int/whosis/whostat/EN_WHS10_Full.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

APÊNDICE A – Ofício de Solicitação de Campo de Pesquisa

Porto Alegre, 30 de novembro de 2010.

À
Sra. Profa.
Leda Oliveira Gloeden
MD. Diretora do Colégio Estadual Júlio de Castilhos
Nesta Cidade

Saudando-lhe cordialmente, vimos por meio desta apresentarmo-nos a Vossa Senhoria com vistas à realização da pesquisa intitulada “A visão de educadores acerca do ensino sobre sexualidade, gestação na adolescência e prevenção de DSTs” no Colégio Júlio de Castilhos.

A referida pesquisa será desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Cláudia Martinez Becker. A orientadora da pesquisa é a professora Dra. Anne Marie Weissheimer.

O objetivo da pesquisa em questão é o de conhecer a visão que os educadores de ensino médio têm sobre educação sexual no cotidiano de sala de aula. Serão participantes professores do Colégio de diferentes disciplinas, desde que lecionem nos turnos da manhã e da tarde.

Esclarecemos que o estudo somente se iniciará após a concordância de Vossa Senhoria para com o seu desenvolvimento, bem como após a apreciação da Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFRGS e do Comitê de Ética em Pesquisa da mesma Universidade. Aos participantes será entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura, sendo-lhes permitido desistir da participação na pesquisa a qualquer instante.

Em sendo a acadêmica Cláudia Martinez Becker também docente da disciplina de Biologia no Colégio Júlio de Castilhos, acreditamos que sua inserção para a realização das entrevistas com os colegas se dará de forma tranqüila. Outrossim, comprometemo-nos em divulgar os resultados da pesquisa assim que for encerrada.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, através dos telefones e e-mails: 96984649; claubecker@hotmail.com (Cláudia) e 33085428; anne.marie@ufrgs.br (Anne Marie).

Antecipando agradecimentos, solicitamos que envie seu parecer sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Atenciosamente,

Cláudia Martinez Becker

Anne Marie Weissheimer

APÊNDICE B – Instrumento de Coleta de Informações

Nº _____

1. Perfil Funcional

Sexo: () masculino () feminino Idade: _____

Escolaridade: () graduação () especialização () mestrado () doutorado

Tempo de formação: _____

Disciplina: _____ Carga Horária: _____

Tempo de profissão: _____

Tempo de atuação na escola: _____

Série(s) que leciona: _____ Turno(s): _____

2. Roteiro Entrevista Semi-estruturada

a) Você considera importante a educação sexual na escola?

b) Como deve ser tratado o tema da educação sexual na escola?

c) Você já desenvolveu alguma atividade de educação sexual nas turmas em que você atua? Em caso de resposta afirmativa, que tipo de atividade?

d) Onde você busca informações para abordar os temas relacionados à sexualidade?

e) Que tipo de recurso você utiliza para abordar os temas relacionados à sexualidade?

f) Você encontra dificuldades em abordar algum tema relacionado à sexualidade em sala de aula?

g) Ao ser questionado por um aluno ou ao deparar-se na escola com alguma questão relacionada à sexualidade, o que você faz?

h) Gostaria de acrescentar mais algum comentário?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE ENFERMAGEM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A VISÃO DE EDUCADORES ACERCA DO ENSINO SOBRE SEXUALIDADE, GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E PREVENÇÃO DE DSTS

- **Objetivo:** conhecer a visão que os educadores de ensino médio têm sobre educação sexual no cotidiano de sala de aula.
- **Autora:** graduanda em enfermagem Cláudia Martinez Becker (fone: 51 96984649).
- **Orientadora:** professora doutora Anne Marie Weissheimer (fone: 51 33085428).
- **Telefone para contato do CEP/UFRGS:** (51) 3308 3629

Estamos realizando um estudo que objetiva conhecer a visão dos professores acerca da educação sexual no cotidiano da sala de aula. Por isso, vimos por meio deste documento convidá-lo(a) a participar, de forma voluntária, de uma entrevista semi-estruturada, na qual serão coletadas informações sobre o seu perfil funcional e suas considerações sobre o tema em estudo. A entrevista será gravada, terá duração entre 20 e 30 minutos e será realizada no Colégio Júlio de Castilhos, em ambiente privado, para que possa expressar-se livremente.

Ressaltamos que todas as informações obtidas na entrevista serão de caráter confidencial e utilizadas unicamente para fins científicos. Garantimos que seu anonimato será mantido na divulgação das informações e que a qualquer momento você poderá deixar de participar da pesquisa sem que isso cause nenhum prejuízo em sua atividade funcional nesta instituição de ensino.

Como benefício desde estudo, acreditamos que, ao conhecer a visão que os educadores têm sobre a educação sexual no ensino médio, poderemos levar aos adolescentes maior conhecimento sobre seus corpos e sua sexualidade, bem como favorecer a aproximação do trabalho do profissional enfermeiro junto à equipe escolar.

Desde já agradecemos a sua participação e colocamo-nos à disposição para outros esclarecimentos.

Eu _____, declaro que fui informado(a) do objetivo, riscos e benefícios desta pesquisa. Recebi uma cópia desse documento e concordo em participar do estudo.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011.

ANEXO A – Carta de Autorização da Direção da Escola

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO ESTADUAL JÚLIO DE CASTILHOS
Avenida Piratini, 76 Bairro Santana Porto Alegre - RS CEP 90040-160 Telefone: 3223-3411

Porto Alegre, 29 de dezembro de 2010.

À Claudia Martinez Becker e
Anne Marie Weissheimer
Da Escola de Enfermagem da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Nesta Cidade

Em relação ao projeto de pesquisa intitulado "A visão de educadores acerca do ensino sobre sexualidade, gestação na adolescência e prevenção de DSTs", das pesquisadoras Cláudia Martinez Becker e Anne Marie Weissheimer, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, li o projeto na íntegra e autorizo a realização do mesmo nos moldes descritos no projeto após avaliação e devida aprovação no Comitê de Ética pertinente.

Atenciosamente,

Leda Oliveira Gloeden
Diretora do Colégio Estadual Júlio de Castilhos
Leda Oliveira Gloeden
Diretora - Id. Func. 1410121/01
Colégio Estadual Júlio de Castilhos

**ANEXO B – Carta de Aprovação da Comissão de Pesquisa da Escola de
Enfermagem da UFRGS**



**COMISSÃO DE PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

CARTA DE APROVAÇÃO

**Projeto TCC. GRAD.: 059/2010
Versão Mês: 01/2011**

Pesquisadores: Cláudia Martinez Becker e Profa. Anne Marie Weissheimer

Título: A VISÃO DOS EDUCADORES ACERCA DO ENSINO SOBRE
SEXUALIDADE, GESTAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA E PREVENÇÃO DE DST.

A Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (COMPESQ), no uso de suas atribuições, avaliou e aprova este projeto em seus aspectos metodológicos. Os membros desta Comissão não participaram do processo de avaliação de projeto onde constam como pesquisadores. Toda e qualquer alteração deverá ser comunicadas à Comissão.

Porto Alegre, 12 de Janeiro de 2011.

Eliane Pinheiro de Moraes
Coordenadora Compesq
EEnf - UFRGS

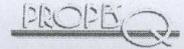
Profª Dra. Eliane Pinheiro de Moraes
Coordenadora da COMPESQ/EENF

ANEXO C – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS

U F R G S
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

Comitê De Ética Em Pesquisa Da Ufrgs

**CARTA DE APROVAÇÃO**

Comitê De Ética Em Pesquisa Da Ufrgs analisou o projeto:

Número: 19966

Título: A visão de educadores acerca do ensino sobre sexualidade, gestação na adolescência e prevenção de DSTs

Pesquisadores:

Equipe UFRGS:

ANNE MARIE WEISSHEIMER - coordenador desde 01/03/2011
CLAUDIA MARTINEZ BECKER - pesquisador desde 01/03/2011

Comitê De Ética Em Pesquisa Da Ufrgs aprovou o mesmo, por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Porto Alegre, Quinta-Feira, 24 de Março de 2011

JOSE ARTUR BOGO CHIES
Coordenador da comissão de ética